

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO

FRANCIANE FRANÇA

**FAMÍLIA E TRABALHO:
UMA PERCEPÇÃO NO ESPAÇO FEMININO**

CRICIUMA, NOVENBRO DE 2010

FRANCIANE FRANÇA

**FAMÍLIA E TRABALHO:
UMA PERCEPÇÃO NO ESPAÇO FEMININO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Secretariado Executivo da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Maria Cristina Keller Frutuoso.

CRICIUMA, NOVEMBRO DE 2010

FRANCIANE FRANÇA

FAMÍLIA E TRABALHO: UMA PERCEPÇÃO NO ESPAÇO FEMININO

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel no Curso de Secretariado Executivo da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Criciúma, ____ de Novembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Maria Cristina Keller Frutuoso – Mestre – Orientadora

Prof. Kristian Madeira – Mestre – Examinador 1

Profa. _____ – Titulação – Banca Examinadora 1

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem Ele nada seria possível e não estaríamos aqui reunidos, desfrutando, juntos, destes momentos que nos são tão importantes. À minha mãe Terezinha e ao meu pai Gilmatin que me deram a vida com amor; aos meus irmãos e amigos que me apoiaram, e por compreenderem a minha ausência, durante a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Aos professores, especialmente à Professora Maria Cristina Keller Frutuoso, pela contribuição, dentro de suas áreas, para o desenvolvimento de nosso trabalho de conclusão de curso, e, principalmente pela dedicação e empenho que demonstraram no decorrer de suas atividades para comigo. Aos demais, que me apoiaram em todos os momentos, fornecendo todas as informações necessárias ao desenvolvimento da pesquisa. A todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para que este trabalho consiga atingir aos objetivos propostos.



Mãe, Esposa,
Dona de Casa,
Trabalhadora

por Dri Viaro

RESUMO

O presente estudo “Família e Trabalho: Uma Percepção no Espaço Feminino” teve como objetivo analisar de que forma a mulher concilia sua vida profissional com sua vida familiar. Constitui-se de uma pesquisa bibliográfica, descritiva e quantitativa com pesquisa de campo. A amostra da pesquisa foi de 40 mulheres universitárias selecionadas de cinco cursos da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Conhecer e entender melhor o contexto mulher vida social e profissional levou ao interesse de uma investigação mais aprofundada sobre a trajetória da mulher e sua evolução na história da humanidade. Sua jornada dupla, às vezes tripla de trabalho, faz da mulher uma super heroína, que precisa ser profissional, cuidar dos afazeres domésticos, dos filhos, do esposo, do corpo, da vida, ou seja, é uma multiprofissional. As transformações no universo da mulher colaboraram não só no mercado de trabalho, mas principalmente na essência da própria mulher, proporcionando autoconfiança, determinação, independência financeira e coragem para ostentar ousadias em seus planejamentos de vida, desenvolvendo com muita dedicação as funções, sendo um diferencial nas organizações em que trabalham. Sua preocupação maior está atrelada à formação educacional, capacitacional, financeira e conhecimentos técnicos com anseios na disputa corporal e mental do espaço em que divide.

Palavras-chave: Mulher, mercado de trabalho, família.

RESUMEN

El presente estudio la familia y el trabajo: A Space Percepción Mujer tuvo como objetivo examinar cómo las mujeres conciliar la vida profesional con su vida familiar. Se trata de una búsqueda bibliográfica, con la investigación de campo descriptivo y cuantitativo. La muestra de la encuesta fue de 40 estudiantes universitarias seleccionadas de cinco cursos en la Universidad del South End de Santa Catarina - UNESC. Conocer y comprender el contexto y la vida profesional, la mujer ha despertado el interés en la investigación adicional sobre las rutas de acceso de las mujeres y su evolución en la historia de la humanidad. Su doble función, a veces el triple del trabajo, hace que la mujer una super heroína, que debe ser profesional, hacer limpieza, hijos, cónyuge, el cuerpo, la vida, o es un enfoque multidisciplinario. Los cambios en la población de mujeres no sólo colaboró en el mercado laboral, pero sobre todo en la propia esencia de la mujer, proporcionando confianza en sí mismos, la determinación, la independencia y el coraje de soportar sobre sus planes audaces de la vida, el desarrollo de la función con gran dedicación, y un diferencial en las organizaciones donde trabajan. Su mayor preocupación está vinculada a la formación académica, experiencia capacitacional, financiera y técnica en la disputa con los anhelos del cuerpo y la mente en el espacio que divide.

Palabras clave: Mujeres, mercado laboral y familiar.

ABSTRACT

The present study on Family and Work: A Space Perception Female aimed to examine how women reconcile their professional lives with their family life. It consists of a literature search, with descriptive and quantitative field research. The survey sample was 40 female university students selected from five courses at the University of the South End of Santa Catarina - UNESC. Know and understand the context and professional life, women has led to interest in further research about the paths of women and their evolution in the history of mankind. His double duty, sometimes triple the work, makes the woman a super heroine, who must be professional, do housekeeping, children, spouse, body, life, or is a multidisciplinary approach. The changes in the population of women not only collaborated in the labor market, but mainly in the woman's own essence, providing self-confidence, determination, independence and courage to bear on their daring plans of life, developing the role with great dedication, and a differential in organizations where they work. His biggest concern is linked to educational background, capacitacional, financial and technical expertise in the dispute with yearnings of body and mind in the space that divides.

Keywords: Women, labor market, family.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Objetivos.....	10
1.1.1 Objetivo geral.....	10
1.1.2 Objetivos específicos.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 História da Educação das Mulheres e seus Direitos.....	12
2.1.1 Educação das mulheres na Colônia e no Império.....	12
2.1.2 O direito das mulheres à educação.....	15
2.1.3 A presença das mulheres no ensino superior.....	17
2.1.4 A educação das mulheres em Santa Catarina.....	18
2.1.5 Algumas considerações sobre o direito das mulheres à educação.....	19
2.2 Definição de Mulher: Mulher, Mãe e Esposa.....	20
2.2.1 Mulher, Família, Sociedade.....	22
2.3 Conceito de Trabalho.....	24
2.4 Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho.....	25
2.4.1 A mulher no mercado de trabalho atual.....	29
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	31
3.1 Abordagens Metodológicas e Tipo de Pesquisa.....	31
3.2 Caracterização do Ambiente de Pesquisa.....	33
3.3 População e Amostra.....	34
3.4 Instrumento e Procedimentos de Coleta de Dados.....	34
3.5 Tratamento dos Dados.....	35
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	67
APÊNDICE – QUESTIONÁRIO.....	73

1 INTRODUÇÃO

Na qualidade de mulher e profissional na área empresarial, bem como acadêmica do curso, tenho há muito tempo o interesse em realizar este estudo, que tem como objeto o cotidiano da mulher-trabalhadora, que em seu dia a dia convive com as ambivalências dos múltiplos papéis que desempenha. A conciliação desses papéis é difícil, não só emocionalmente como também fisicamente.

Essa relação familiar e profissional da mulher é, portanto, o tema deste estudo. Para melhor compreender essa trama, delimitaram-se as seguintes questões norteadoras: Como uma mulher concilia as atividades de sua vida pública e privada? De que forma as responsabilidades do trabalho podem interferir na vida particular? Qual a percepção da família em relação à situação instaurada?

A evolução da mulher e seu papel no mercado de trabalho atual vêm sendo assunto de importância científica neste último século. O estabelecimento da mulher no mercado trouxe mudanças na forma como ela é vista pela sociedade. Conhecer e entender melhor esse contexto levou uma investigação mais aprofundada por meio desta pesquisa.

É possível perceber que as mulheres vivem em uma era de transformação e de revolução nos hábitos, de tal modo que é de suma importância entender como e de que forma as cobranças internas e externas afetam a evolução profissional da mulher.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Analisar de que forma a mulher concilia sua vida profissional com sua vida familiar.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Constatar os desafios na jornada de trabalho das mulheres entrevistadas em questão;
- b) Identificar os principais fatores de insatisfação no âmbito profissional;

c) Analisar de que forma as dificuldades geradas no trabalho afetam a vida familiar das mulheres entrevistadas;

d) Diagnosticar quais situações da vida familiar interferem no desempenho profissional das sujeitas;

e) Constatar se a empresa na qual as mulheres entrevistadas trabalham possuem estratégias para amenizar os possíveis conflitos gerados pela condição mulher funcionária e mulher familiar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo é apresentada a fundamentação teórica, segundo a qual são assuntos relevantes para os objetivos desta pesquisa.

2.1 História da Educação das Mulheres e seus Direitos

Este item traça um panorama histórico sobre o início da educação das mulheres no Brasil Colônia até os dias atuais com o Ensino Superior, enfoca também a luta para seu reconhecimento como cidadãs para terem seus direitos respeitados como seres humanos pensantes e, acima de tudo, como trabalhadoras trazendo destaques para a história da mulher na sociedade.

2.1.1 Educação das mulheres na Colônia e no Império

Em 1549, os primeiros padres jesuítas chegam ao Brasil. Durante mais de 200 anos eles foram praticamente os únicos educadores, fundando inúmeras escolas de ler, escrever e contar. Porém a educação nessas escolas, neste período, era apenas para meninos (SILVA, 2004).

De 1500 a 1822, no Brasil Colônia, a educação feminina era restrita aos cuidados com a casa, com o marido e com os filhos. Somente os filhos homens de colonos e de indígenas é que recebiam instruções ou catequização (RIBEIRO, 2003). Ainda de acordo com o autor, a colônia brasileira teve fortes influências da cultura árabe trazida pelos portugueses, que consideravam a mulher como um ser inferior, o qual pertencia à classe dos imbecis, assim como as crianças e os deficientes mentais.

As primeiras iniciativas para instrução feminina no Brasil partiram de algumas tribos indígenas, já que nessas sociedades a mulher era considerada uma companheira e, por isso, não havia motivos para excluí-las das oportunidades educacionais. Ribeiro (ibid., p. 80) diz que essas tribos “não viam como os brancos os preveniam do perigo que pudesse representar o fato de suas mulheres serem alfabetizadas”. Para eles, condená-las ao analfabetismo seria sinal de ignorância. No Brasil Colônia, entre os colonizadores, ainda segundo o autor (p. 82-83), “[...] o homem decidiu as ações. Ele era quem dominava, por meio da família patriarcal.

Aliás, a palavra família vem de *famulus*, uma expressão latina que quer dizer “escravos domésticos de um mesmo senhor”.

Nesse período, mulher, filhos e filhas deviam total obediência ao homem da casa, dirigindo-se a ele como “senhor meu marido” e “senhor meu pai”.

Desde menina era ensinada a ser mãe e esposa, sua educação limitava-se a aprender a cozinhar, bordar, costurar, tarefas estritamente domésticas. Carregava o estigma da fragilidade, da pouca inteligência, entre outros, que fundamentava a lógica patriarcal de mantê-la afastada dos espaços públicos. (OLIVEIRA, 2008, p. 1)

As meninas com 11 ou 12 anos já estavam prontas para se casarem com homens de 40 anos ou mais, casamentos esses arranjados pelos pais. Essas meninas eram escondidas dentro das casas grandes as que eram “duronas” e “mandonas” eram consideradas grosseiras e, geralmente, punidas pelos seus atos. Já as que falavam pouco e baixo, com enorme timidez, eram consideradas exemplos femininos (CARDOSO, 1981).

No Império, mesmo mulheres da corte tinham pouquíssimo contato com a leitura, pois muitas eram analfabetas, e eram orientadas para lerem somente livros de oração. Elas pouco saíam de casa, e as únicas companhias masculinas, além dos maridos, eram os padres. Segundo Louro (1997, p. 446), “[...] Na opinião de muitos, não havia por que mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios”.

A primeira mulher brasileira a ser alfabetizada foi a índia Catarina Paraguassu, e em uma das várias histórias que cercam seu mistério, relata-se que Paraguassu foi uma grande paixão de Diogo Alvarez Correa, com quem foi casada e com quem viajou para a Europa – viagem que não durou muito. Na volta, Paraguassu trouxe algumas influências da cultura europeia, mudando o cotidiano das indígenas conforme os ensinamentos que aprendeu, como afirma Ribeiro (2008, p. 5) “[...] Começou a praticar os costumes franceses no modo de vestir, com adereços nos chapéus, luvas, lenços, etc. Promovia reuniões frequentes com as mulheres e especialmente com as crianças, num trabalho de catequese que rendia frutos”.

Conhecida como Madame Caramuru, ela foi a primeira nativa brasileira a ser batizada em uma Igreja Católica (RIBEIRO, *ibid.*).

Em 1561, a prova de sua alfabetização seria uma carta escrita ao bispo de Salvador. Alguns dizem que a carta foi escrita ao Pr. Manoel da Nóbrega para solicitar a educação das mulheres e o fim da escravidão, principalmente infantil (RIBEIRO, 2008).

Para muitas mulheres a única oportunidade de estudarem era alcançada a partir do ingresso em conventos. Essas instituições também serviam de refúgio para as que não queriam se casar com os noivos arranjados. Como não existia uma instituição formal para a educação das mulheres, foi então nos conventos que elas foram educadas.

Nos conventos o ensino da leitura e da escrita era ministrado junto à música, trabalhos domésticos e a confecções de doces e flores artificiais (RIBEIRO, 2003). A educação para as mulheres constituía-se no ensino da costura, do bordar, ou seja, tudo aquilo que uma mulher deveria saber para cuidar bem do lar, sem abrir mão dos bons costumes.

As famílias mais ricas mandavam suas mulheres para os conventos de Portugal era uma viagem longa e perigosa até chegarem lá. A única dificuldade que as mulheres da classe mais rica encontravam para a entrada nos conventos do reino era o pagamento do dote e das despesas da viagem (SILVA, 2004).

No início do século XVII, surge o primeiro convento no Brasil, mas somente ingressavam as mulheres brancas de famílias com maior poder aquisitivo, pois estar no convento era uma maneira de a família demonstrar que pertencia à elite social, como cita Nunes (1997, p. 486), “[...] filhas de famílias sociais e politicamente importantes eram admitidas como religiosas, ter uma filha no claustro tornava-se fator de prestígio social”.

A Igreja tinha controle da vida das mulheres tanto das casadas como também das que, sem opção, eram mandadas para os conventos. Essa instituição tinha, além de outros papéis, a função social de cuidar dos problemas de mulheres que desobedeciam à autoridade do pai, mantendo relações sexuais antes do casamento ou as que traíam os maridos (ibid., 1997).

Uma outra maneira de educar as meninas – aquelas que não iam aos conventos – era contratar uma preceptora. Essa denominação era dada às mulheres que recebiam das famílias para ensinarem em domicílio que, num termo mais atual, poderiam ser chamadas de professoras particulares. No Brasil, elas apareceram após uma desvalorização do trabalho delas na Europa, já que estava tendo um

número muito grande de preceptoras, havendo uma saturação na Europa. Eram mulheres solteiras ou viúvas que trabalhavam para se sustentar.

As experiências reais das preceptoras, muitas vezes, eram marcadas por sofrimentos e frustrações, pois algumas eram tratadas por seus patrões como criadas, outras vinham para o Brasil com propostas de trabalho, com a promessa de ganharem muito dinheiro, mas quando chegavam, deparavam-se com muitas dificuldades financeiras em um país diferente (RITZKAT, 2003).

O papel principal de ensinar as meninas era assumido pelas preceptoras que, por sua vez, não necessitavam de capacitação profissional para poder assumir tal atividade, porém se tivesse um diploma, as oportunidades de emprego se ampliavam. As mesmas tinham o papel de ensinar as meninas depois que as mães ensinassem a elas as primeiras tarefas e a religião (ibid., 2003).

De acordo com a autora, algumas preceptoras colocavam seus currículos em anúncios de jornais, mencionando suas habilidades para ensino de francês, alemão, inglês, geografia, desenho, piano, música, trabalhos manuais, aritmética, história, e por último, português.

O ensino às mulheres continua a ser difícil mesmo com as preceptoras, já que somente a elite poderia pagar por seus ensinamentos, porém com o passar do tempo, os direitos às mulheres são exigidos para que se tenha uma educação para as mesmas.

2.1.2 O direito das mulheres à educação

No final do século XIX aparecem os primeiros colégios, porém as preceptoras ainda eram muito requisitadas nas casas das famílias nobres. Somente ao início do século XX elas foram desaparecendo da história, algumas viraram professoras nos internatos do Brasil e outras voltaram para a Europa (RITZKAT, 2003).

Com o início da industrialização brasileira, no século XIX, as cidades começaram a se desenvolver. As mulheres não estavam mais tão trancafiadas em suas casas, podendo já conhecer mais pessoas, porém continuavam com a educação voltada para o espaço doméstico.

Com a chegada da Família Real e da corte portuguesa, no final do século XIX, abriram-se escolas não religiosas onde as mulheres puderam estudar, então,

pela primeira vez, algumas começaram a frequentar as primeiras séries do antigo primário. No entanto, adverte Cardoso (1981, p. 16), “[...] ninguém pense que a educação que se dá à mulher será igual à que se oferece ao homem. Com o trabalho fora de casa, mais é sentida a necessidade de se escolarizar a mulher”.

Passados alguns anos, aparecem na Constituição de 1823 as primeiras ideias em defesa da educação escolar para as mulheres. Em 1824, a Assembléia dos Deputados começou a apresentar preocupações com a educação das mulheres e propuseram um ensino para as meninas diferente daquele oferecidos aos meninos, destacando que as professoras deveriam mostrar honestidade, dignidade, ensinar os trabalhos manuais e o papel doméstico da mulher (LOURO, 1997).

As professoras não precisavam ensinar geometria às meninas que deveriam apenas estudar as quatro operações. Como se pode observar, desde aí as escolas já estabeleciam uma nítida diferença entre menino e menina, sempre em prejuízo das mulheres que deveriam ser mais ignorantes e menos instruídas. (CARDOSO, 1981, p. 20)

Uma vez que as professoras das meninas não ensinavam geometria, elas ganhavam menos que os professores homens, por mais que a lei determinasse que os salários fossem iguais.

Ainda em meados do século XIX, após algumas reivindicações para uma melhor preparação para a formação de professores e professoras, são criadas as escolas normais, as moças passaram a constituir uma presença muito maior que a dos homens no trabalho ao magistério. Segundo Louro (1987, p. 25):

[...] aparecem na Constituição de 1824, evidentemente revelando as restrições da época; ou seja, propondo que as meninas frequentem as escolas de primeiras letras, as pedagogias, em classes separadas dos meninos e lecionadas por professoras mulheres (as quais deveriam ser comprovadamente honestas e dignas).

“Nesta época, ainda eram proibidos às mulheres os estudos em classes mistas, pois elas eram educadas para a vida doméstica, ao contrário dos homens, que estudavam para continuar no secundário” (CARDOSO, 1981, p. 21). Porém, nos anos de 1871, 1886, 1902 meninos e meninas podiam estudar na mesma classe, mudança resultante da postura dos republicanos.

Com Getúlio Vargas no governo, a partir de 1930, a educação foi bastante ampliada e os cursos normais foram mais valorizados; no entanto, em 1955, nota-se

que havia ainda um número maior de mulheres analfabetas do que de homens (CARDOSO, 1981).

Com a entrada das mulheres na educação, as salas de aulas tornaram-se aos poucos, bastante femininas, apesar das diferentes disciplinas oferecidas para meninos e meninas. E no ensino superior as realidades não são muito diferentes, foram os homens que iniciaram os estudos e aos poucos as mulheres apareceram.

2.1.3 A presença das mulheres no ensino superior

No ensino superior a maioria dos bancos escolares eram ocupados por homens. Em 1929, os dados apontam que no curso de medicina, havia 5.789 homens matriculados e 72 mulheres, porém concluíram o curso 609 homens e apenas 4 mulheres; em odontologia havia 680 homens matriculados e 71 mulheres, porém concluíram este curso 156 homens e 13 mulheres; em farmácia havia 816 homens matriculados e 178 mulheres, mas terminam o curso 167 homens e 62 mulheres; nas áreas jurídicas e nas engenharias o número de mulheres matriculadas e que concluíram o curso é ainda menor, podemos citar que enquanto que no curso de engenharia civil tinha matriculados 2007 homens com um total de 212 que concluíram o curso, o número de mulheres neste curso era de 24 matriculadas para que apenas 1 concluísse o curso (CARDOSO, 1981).

Já no curso de Música, a procura maior era das mulheres por ser um curso considerado feminino e de bom gosto, conforme as expectativas da sociedade. Algumas mulheres faziam o curso normal, não para serem professoras, mas para adquirirem mais conhecimentos, a fim de exercerem melhor suas funções no lar, principalmente no que diz respeito à educação dos filhos.

A trajetória das mulheres brasileiras na educação teve mudanças com o passar dos séculos e atualmente, temos uma demanda maior de mulheres na docência.

Em pesquisas feitas há 35 anos sobre a porcentagem de mulheres que procuram a universidade para se aperfeiçoarem e fazer uma profissão digna nos mais diversos cursos, os autores Barroso, Namó e Melo (1975 apud BRUSCHINI, 2010) concluíram que os cursos variam muito, na Engenharia Civil apenas 3% das mulheres ocupam este curso/área, enquanto que alguns cursos que são tradicionalmente caracterizados para mulheres como Pedagogia, Letras e a áreas

das Ciências Humanas como Serviço Social e também na área da saúde como o curso de Enfermagem, nestas áreas o total é de 97%. Ainda nas pesquisas desses autores, observou-se que o aumento da participação das mulheres no ensino superior destaca-se, sobretudo nas carreiras que conduzem ao magistério/pedagogia, no qual decorre a feminização do corpo docente.

Por outro lado, sabemos que esse índice, nos dias atuais, já é outro, pois, no século XXI, as mulheres já fazem parte de qualquer curso, seja ele das áreas exatas, humanas ou da saúde. Ainda é possível ver mais o sexo feminino nas áreas de magistério, mas atualmente as mulheres já ocupam espaços antes considerados apenas para homens.

Todavia, as áreas mais procuradas pelas mulheres para o ensino superior são relativas, em primeiro lugar ao serviço da educação, depois na área de saúde, depois sociedade como psicologia, secretariado, depois nutrição, enfermagem, serviço social e pedagogia, sendo que essa tendência segue nos mestrados e doutorados (RISTOFF, 2006).

Aos poucos as mulheres se estabelecem no contexto escolar, inclusive no ensino superior, apesar de que ainda seja mais nos cursos ditos “femininos”.

2.1.4 A educação das mulheres em Santa Catarina

Como em todo o Brasil, em Santa Catarina também havia uma educação predominantemente masculina, porém em 1935, em Florianópolis, no Colégio Coração de Jesus foi criado o chamado “Ginásio Feminino”, sendo o único de ensino secundário reservado às mulheres até meados de 1940 (GARCIA, 2007).

Em 1942 foi introduzida a Lei Orgânica do Ensino Secundário que tinha como principal objetivo estabelecer um currículo único para homens e mulheres, no entanto, estabelecia instruções quanto à diferenciação do que deveria ser ensinado, aos alunos e alunas gênero (GARCIA, 2007, p. 59).

Conforme o art. 25 incisos II da referida lei (apud GARCIA, 2007, p. 59),

Nos estabelecimentos de ensino secundário frequentados por homens e mulheres, será a educação destas ministrada em classes exclusivamente femininas. Este preceito só deixará de vigorar por motivo relevante e dada especial autorização do Ministério de Educação.

Nessa lei havia recomendações para que se incluísse nas terceiras e

quartas séries do ginásio, a disciplina de economia doméstica, além das clássicas e científicas do curso. Esta disciplina foi incluída como uma justificativa da natureza feminina, em que a mulher tinha como missão ser a mulher dentro do lar e que a maternidade era a função natural mais importante dela. As alunas, desde muito cedo, eram estimuladas a querer casar-se, ter seu lar e filhos (GARCIA, 2007).

Em Santa Catarina, a realidade da educação das meninas era como no restante do Brasil, os ensinamentos deveriam ser voltados para os afazeres do lar, porém, ainda há algumas considerações sobre o direito das mulheres à educação.

2.1.5 Algumas considerações sobre o direito das mulheres à educação

Mesmo com todas as dificuldades que a mulher enfrentou para ter seu direito à educação, nota-se que, desde o início, ainda no Brasil Colônia, havia mulheres que se diferenciavam das que permaneciam caladas obedecendo às ordens do pai ou do marido, ou seja, havia aquelas que transgrediam as ordens estabelecidas. Um dos casos foi o já citado anteriormente de Madame Caramuru; ela foi uma mulher que fez a diferença na educação feminina. Imaginar uma índia como a primeira mulher alfabetizada no Brasil é fora dos padrões da elite daquela época e também nos dias de hoje. O que dizer então das preceptoras que não dependiam de marido para sustentar-se? Elas trabalhavam para manter-se, muitas vezes, tendo que sair de seu país, como foi o caso das primeiras preceptoras que vieram para o Brasil, a maioria vinda da Europa.

Segundo Veiga (2007, p. 71),

[...] como é o caso dos homens a educação das mulheres variava de acordo com sua condição étnico-social – que, por sua vez, condicionava o modo como eram educadas e os locais onde essa educação ocorre.

Por essa razão, não podemos generalizar e colocar as mulheres numa condição de vítimas.

Cabe ressaltar que algumas mulheres adquiriam conhecimentos e os utilizavam como uma maneira de sobreviver, uma vez que era pequeno o número de mulheres que tinham posses. Algumas mulheres, no processo histórico da sociedade, conseguiram mostrar que tinham as mesmas capacidades de aprendizagem que os homens (NUNES, 1997).

Nota-se que hoje o número de meninas nas escolas é maior que o número de meninos. No ensino superior, não é muito diferente há mais mulheres nas universidades do que homens, mas é preciso considerar que a procura das mulheres por cursos superiores para se especializarem em alguma área para então serem mulheres independentes e trabalharem, ainda nos dias de hoje está muito voltada para as áreas consideradas como sendo femininas (pedagogia, letras, secretariado, enfermagem, nutrição, etc).

2.2 Definição de Mulher: Mulher, Mãe e Esposa

Para definir o conceito de mulher, Ferreira (1972) afirma que mulher é uma pessoa do sexo feminino que, após determinada idade, se torna esposa e mãe. A mulher já é conceituada de acordo com o sexo (gênero).

Sabe-se que mesmo que algumas mulheres busquem hoje o que lhes é de direito, tanto biológico quanto emocional, muitas vezes lhes é negado pelos homens, por desconhecimento sobre a sexualidade feminina, preconceito ou desinteresse pela questão.

Muitas mulheres ainda permanecem até hoje com a ideia impingida de que nunca poderão ficar sozinhas sem estar correndo algum risco. As diversas influências educativas levam-nas a crer que toda a garantia da sua vida está no outro, para amar e proteger.

De acordo com Schindler (1999, p. 51):

[...] uma mulher pode-se tornar-se alegria constante para si própria, seus filhos, para seu marido, para o mundo, mostrando-se e sentindo-se feliz por estar viva, revelando-se sensata bastante para deixar que imensas insignificâncias permaneçam transformando a adversidade da derrota em uma vitória da equanimidade e da calma aceitação, levando a cada momento o nível da monotonia e do comum à altura em que ele ganhe significação e interesse, mantendo o cântico em seu coração quando pessoas menos felizes gemem, tomadas de autopiedade, etc.

Os vínculos familiares paternalistas reforçam essa condição criando no inconsciente feminino estruturas que as levam a desacreditar na sua capacidade de buscar, exigir, criar e conquistar o melhor para si mesmas.

Bampi (2001, p. 1) afirma que “sexualidade é uma marca humana, vivenciada a partir dos desejos e escolhas afetivas, psicossociais e históricas”. Dr. César Nunes salientou também que “a mulher só se libertará quando tiver autonomia

intelectual, filosófica, econômica e ética comportamental”. Por não se verem como seres de direitos, completos, seguros, capazes de desejar, de dizer sim e também de dizer não, negam a si próprias o direito à felicidade.

As mulheres, desde as épocas remotas, têm função primordial para a sobrevivência da espécie, mas só recentemente a maternidade e a responsabilidade da mãe pelo seu bebê passam a ser valorizadas pela sociedade. Badinter (1985), em seus estudos sobre o amor materno, afirma que este sentimento existe desde a origem dos tempos, mas não necessariamente em todas as mulheres. Sendo um sentimento humano, como tal, é incerto, frágil e imperfeito, podendo ou não estar presente na natureza feminina.

No entender de Badinter (ibid., p. 201), “a sensação de culpa das mulheres é um sentimento associado ao papel de boa mãe e às responsabilidades maternas com o filho”. Os séculos se passaram, os avanços tecnológicos surgiram, mas a concepção de boa mãe, dedicada, que pensa no seu filho, atualmente mescla-se, também, com a da mulher independente que cuida, nutre e educa, mas que trabalha no mundo público desenvolvendo atividades fora da esfera do lar.

A configuração dos tempos atuais é distinta da época em que a mulher não exercia atividades fora do lar, lembra Giffin (1993, p. 8), agora ela necessita fazê-lo para reforçar a renda familiar, e em muitas situações, chefiar a família, assim sendo:

[...] o custo maior dos filhos representa uma pressão para a entrada da mulher na força de trabalho, e ambos representam uma pressão para a limitação do número de filhos. A participação na força de trabalho gera uma nova DESIGUALDADE que é a dupla jornada, no público e no ar [...].

Várias são as atividades profissionais que a mulher dos dias de hoje realiza. Dentro das atividades, podemos enunciar inúmeras outras que se enquadram dentro dessas condições, como por exemplo: babá, motorista, enfermeira, cozinheira e tantas outras. A mulher, às vezes, para para refletir sobre seu desempenho em todas essas tarefas e chega à conclusão o quanto é batalhadora, pois além de ser esposa, é mãe, é profissional e também, em alguns casos, é avó. São muitas as denominações para este “ser”, considerado por muitas pessoas como um “ser frágil” que se doa por completo em todas as funções na qual elas foram confiadas.

Nos dias de hoje, a figura “ser mulher” significa um esforço redobrado,

pois embora todas as conquistas tenham valido a pena, ela precisa ainda pensar muito bem para definir o que busca em seu caminho deve estar ciente do momento de aprender a gerenciar sua vida de forma equilibrada e lógica, a fim de realmente construir um futuro repleto em realizações.

2.2.1 Mulher, Família, Sociedade

Os estudos antropológicos, feitos ao longo do tempo, sobre a cultura de cada povo, permitem-nos conhecer a história da família em toda a humanidade. Esclarece-nos o significado de família em cada cultura, pois a família existiu e existe, nas diversas formas, se modificando no decorrer do tempo, pois são concepções do significado social dos laços estabelecidos entre os indivíduos e a sociedade, numa determinada época.

A palavra família tem um significado importante no sentido social. Conforme o minidicionário da língua portuguesa de Bueno (2001, p. 248), significa “conjunto de pai, mãe e filhos, pessoas do mesmo sangue, descendência e linhagem”. Todos nós somos parte integrante de alguma família, mas os tipos de famílias variam muito, desde a mais conhecida, composta de pai, mãe e filhos, chamada família nuclear, até os tipos mais diferenciados que se conhecem atualmente.

Embora a instituição família tenha passado por vários momentos de crise e evolução, manifesta até hoje uma grande capacidade de sobrevivência e adaptação, vivendo sob múltiplas formas.

É comum definir-se a família como a instituição social que reflete a estrutura econômica e política de uma determinada sociedade. No entanto, ela também atua na formação e organização da sociedade. Através do convívio familiar e, em um nível mais amplo, do processo de interação social, as pessoas se constituem enquanto sujeitos e cidadãos, membros da sociedade (CASEY, 1992 apud ALMEIDA, 2007).

Para Prado (1985, p. 12),

A família não é um simples fenômeno natural. Ela é uma instituição social variando através da história e apresentando até formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado.

Enquanto instituição social, apresenta pontos positivos como: núcleo afetivo, apoio e solidariedade. Nesse sentido, a família é a base da sociedade humana, pois ela é formada por um conjunto de muitas famílias.

Ao longo dos tempos, a família sofreu alterações, verificando-se uma grande diferença entre as famílias pré e pós-industrial. Durante os séc. XVI e XVII a família transformou-se profundamente à medida em que modificou as suas relações, de acordo com as modificações externas. Uma das mudanças mais consideráveis foi a introdução da mulher mãe, dona-de-casa no mercado de trabalho; durante muito tempo, à mulher cabia a educação dos filhos, a administração da rotina doméstica e o comando dos serviços.

Para Almeida (2007, p. 412), “Algumas breves considerações sobre a história social da família apontarão normas e valores atribuídos às mulheres, aos cuidados infantis e ao trabalho feminino ao longo do tempo”.

Devido à globalização, várias mudanças vêm interferindo na estrutura familiar. Conforme Pereira (1995), as mudanças são: queda da taxa de fecundidade, devido ao acesso aos métodos contraceptivos e de esterilização; tendência ao envelhecimento populacional; declínio do número de casamentos e aumento da dissolução dos vínculos matrimoniais constituídos, com crescimento das taxas de pessoas vivendo sozinhas; aumento da taxa de coabitações; hoje há o aumento do número de famílias chefiadas por uma só pessoa, principalmente por mulheres, que trabalham fora e têm menos tempo para cuidar da casa e dos filhos.

Com surgimento de novas tendências, surge a diversidade de relações presentes na sociedade. Segundo Kaloustian (1988), a família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando.

A família é a entidade intermediária entre a sociedade e o indivíduo, porém, não se reduz à papéis predeterminados, está em constante interação, sofrendo e impondo ações e reações com o próprio indivíduo, sociedade, religião e escola. A família ainda é o lugar privilegiado de crescimento, desenvolvimento de valores, afetos e emoções responsáveis por estruturar os indivíduos e a própria sociedade. É necessário pensar a família pós-moderna, contemplar sua pluralidade e as vivências humanas.

Apesar das modificações inerentes à modernidade, a família subsiste. É

necessário conhecer as múltiplas possibilidades humanas desse vínculo para poder explorar e trabalhar por um relacionamento do tipo familiar mais saudável, funcional e feliz.

2.3 Conceito de Trabalho

No dia a dia das pessoas, o trabalho assume várias definições, sendo que, conforme Albornoz (2000, p. 8), “[...] - às vezes, carregada de emoção, lembra dor, tortura, suor do rosto, fadiga. Noutras, mais que aflição e fardo, designa a operação humana de transformação da matéria natural em objeto de cultura”.

Há várias traduções para a palavra “culturas”. Para o grego, há uma palavra para fabricação e outra para o esforço, oposto ao ócio; também aparece a palavra pena, que é próxima da fadiga. No Latim, surgem as palavras *laborare*, a ação de *labor* e *operare*, que corresponde a *opus*, obra. Em Francês, as palavras *travailler* e *ouvrer* ou ainda *tache*, que significa tarefa. Em Espanhol, *trabajar* e *obrar* e em inglês, surgem *labour* e *work*. Já em Português, a palavra trabalho pode ter diversas significações (MORESCO, 2004).

Conforme Albornoz (1998, p. 9), “a de realizar uma obra que te expresse, que te dê reconhecimento social e permaneça além da tua vida; e a de esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultado consumível e incômodo inevitável”.

Para Lacombe e Heilborn (2003):

1. O trabalho é essencial na vida do ser humano, este define o papel do indivíduo na sociedade;
2. As pessoas tendem a gostar de seu trabalho a medida que vão trabalhando, ou o trocam para que o mesmo traga satisfação;
3. O trabalho é uma atividade social;
4. Itens como temperatura, iluminação, ruído e umidade afetam a saúde do trabalhador, diminuindo a qualidade de seu trabalho;
5. O dinheiro/salário é um dos incentivos mais importantes;
6. O desemprego é negativo, porque este elimina o indivíduo da sociedade.

Apesar de todos os conceitos de trabalho fornecidos pela literatura existente, é certo que cada indivíduo dá a ele o seu próprio conceito e significado, de acordo com a sua história de vida.

A partir dos anos 70, pelo desenvolvimento de novas tecnologias na indústria, houve uma redução do número de pessoas e da racionalização da produção pela utilização de tecnologias de ponta. Algumas profissões tornaram-se obsoletas, outras foram criadas com o objetivo de atender às novas exigências do mundo globalizado, conferindo, assim, novos significados ao trabalho (MORESCO, 2004).

Neste século, o trabalho continua sendo entendido como uma das fontes mais importantes fundadoras de sentido para a vida humana. Quem não tem emprego, sente-se à margem da sociedade, correndo o risco de perder sua auto-estima e o seu sentido de cidadania.

Nesta breve análise, observa-se que o trabalho sofreu diversas mudanças de significado desde os primórdios da História, quando era visto como algo penoso, até o momento atual, quando mede o valor social do indivíduo na sociedade (MORESCO, 2004).

2.4 Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho

De acordo com Saffioti (1979), apenas depois do início do século XX é que se pode dar como fato a industrialização crescente, no país. Na década de trinta, mesmo com o surgimento e a implantação de novas indústrias, houve uma redução em termos relativos, da participação da mão-de-obra feminina na população economicamente ativa do país. Parece universal o fenômeno de concentração progressiva da força de trabalho no setor de serviços, à medida que as economias se tornam mais complexas. A introdução da tecnologia reduziu o ritmo de absorção da força de trabalho no campo e aumentou a procura na região urbana, a fim de um mercado de trabalho diferenciado.

Em 1900, a população feminina era de 8.537.908 milhões, a proporção economicamente ativa permanecia correspondendo a uma taxa bastante elevada: excluindo as classificadas com pessoas de profissões ignoradas, o total era de 31,6% e incluindo as ocupadas em profissões improdutivas, nas quais a força de trabalho feminina representava 56,6%, porém era de 45,3% a participação das mulheres nas atividades econômicas. Todavia 56,6% do total dessas mulheres economicamente ativas dedicavam-se aos serviços domésticos, 24,6% à agricultura, 14,2% às artes e ofícios e 4,2% a indústrias manufatureiras, e 4,4% ao comércio e

outras atividades (SAFFIOTI, 1979).

Em 2000, conforme IBGE/CENSO havia 169.799.170 milhões de habitantes no Brasil, com a participação de 86.223.115 milhões de mulheres representando 51,31% da população. Nota-se que neste período entre 1900 a 2000 houve um aumento na população feminina de 9.902%. Dessas, 71.070.966 milhões residiam em áreas urbanas e 15.152.189 milhões em áreas rurais. Na população feminina a taxa de desemprego representava 11,7%, contra 7,4% masculino, ou seja, 31% superior a dos homens. No que se refere às mulheres negras, que representam 5.393.492 milhões da população do país, 13,8% são desempregadas e destas 23% são empregadas domésticas (ANUÁRIO, 2006).

Nas camadas médias, o trabalho feminino é um projeto individual, elaborado no interior de uma história familiar, apesar de circunscrito pela cultura. É uma atividade voltada para a satisfação pessoal que, além de proporcionar status, leva ao crescimento individual, faz parte do processo de constituição da identidade. No entanto, mesmo tendo as mulheres das camadas médias conquistado o direito ao trabalho e à escolarização, continuam a lhes ser atribuídos antigos valores e funções, tais como submissão, abnegação, tarefas domésticas, cuidados infantis, entre outros (BIASOLI-ALVES, 2000).

“Estes valores, chocando-se com suas recentes conquistas, fazem com que elas se sintam responsáveis e culpadas pelas mudanças e acontecimentos indesejáveis no âmbito de suas relações familiares” (ALMEIDA, 2007, p. 413).

Ser mãe e profissional é assumir identidades múltiplas e contraditórias, construídas socialmente e em permanente processo de mudança (HALL, 2001; LOURO, 1997).

Nas famílias das camadas populares, o trabalho feminino assume muito mais o sentido de um benefício para a família do que uma afirmação da individualidade (SARTI, 2003).

As relações familiares seguem um padrão de autoridade e hierarquia, o que dificulta a afirmação individual. Há uma predominância dos deveres em relação aos familiares sobre os projetos individuais. Melhorar de vida é um projeto familiar, é observar a família progredir. O trabalho individual é o instrumento que torna possível esse projeto e, no caso das mulheres, não tira o lugar de autoridade do homem (ALMEIDA, 2007, p. 414).

A participação da mulher no mercado de trabalho, ao longo dos séculos,

mostrou que o sexo feminino sempre esteve numa situação intensa e contínua, nem por isso deixou de fazê-lo apenas em setores que, embora exigissem grandes esforços e habilidades, eram sempre os de menor prestígio nos quais os rendimentos eram os mais baixos. Os dons e as capacidades individuais teriam menos a ver na divisão de uma carreira entre homens e mulheres do que as condições oferecidas por esta carreira. As condições oferecidas para as mulheres seriam favoráveis em áreas de pouco interesse para os homens (BRUSCHINI, 2010).

Blay (1975 apud BRUSCHINI, 2010) citou que, na época, eram “as condições estruturais no mercado que determinava a participação da mulher na força-de-trabalho”.

Diferentes condições materiais fundamentava perspectivas políticas muito distintas. No caso das mulheres, relacionam-se ainda aos diferentes significados que têm em suas vidas o trabalho remunerado, a família, o trabalho doméstico e o cuidado das crianças. Para as mulheres das camadas populares, os papéis familiares de mãe e dona-de-casa têm um peso muito maior do que o trabalho remunerado na sua autodefinição, na constituição de sua identidade social. Sua vida cotidiana é demarcada por suas atividades domésticas, fortemente ligadas às relações de vizinhança. Para as mulheres das camadas médias, com um grau de instrução mais elevado e algum nível de formação profissional (ainda que discriminadas com relação aos homens), o trabalho doméstico é visto, sobretudo, como opressivo, embrutecedor. Seus recursos permitem, por outro lado, contratar empregadas domésticas, que as substituem, pelo menos parcialmente. Nessas circunstâncias, sua opção por uma atividade profissional tem maiores chances de ser gratificante e o peso do referencial doméstico, embora forte, tende a ser contrabalançado pelo trabalho remunerado (SARTI, 1988).

A presença de empregadas domésticas na casa de grande parte das famílias das camadas médias e altas é uma particularidade brasileira, para não dizer latino-americana. Este fato influi decisivamente nas possibilidades de uma parcela da população feminina e reflete os limites da outra. Contribui também para atenuar os conflitos entre o homem e a mulher potencializados pela sobrecarga de trabalho doméstico (CARDOSO, 1983 apud SARTI, 1988, p. 39).

A modernização da mulher brasileira, a partir dos anos 60 – sua adesão aos valores individualistas modernos, incluindo o uso de métodos anticoncepcionais,

o recurso à psicanálise; seu acesso à educação superior; sua incorporação ao mercado de trabalho, etc., –, deu-se numa sociedade altamente hierarquizada em termos de classe, raça e gênero, reproduzindo estas diferenciações. A independência feminina tem a marca de sua classe de sua cor. Os recursos e oportunidades oferecidos às mulheres beneficiaram principalmente as regiões mais desenvolvidas do país, o sudeste, mais branco, mais urbano. A existência da empregada doméstica é parte integrante deste contexto hierárquico. Vale ressaltar que é alta a incidência de empregadas domésticas negras. Herança da escravidão, há uma associação direta entre raça negra e profissões desqualificadas (SARTI, 1988).

O emprego doméstico ainda é a profissão que mais absorve mulheres neste país.

Bruschini (1986 apud BETIOL; TONELLI, 1991) comentam que existem condições facilitadoras para o desempenho profissional das mulheres das camadas média e superior da população. Uma delas é a presença de infra-estrutura doméstica, suporte para que a mulher possa exercer, com custos pessoais menores, atividades no domínio público. Outra condição se traduz pelo nível cultural, fator que parece permitir disputas em condições de igualdade no mercado de trabalho.

2.4.1 A mulher no mercado de trabalho atual

A firmeza em nossa cultura sempre foi constituída ao homem enquanto a fragilidade e vulnerabilidade a mulher. Sabe-se que essas ideias são mitos e a cada dia mais estudos são realizados mostrando que as mulheres respondem de maneira parecida ao homem no trabalho (VIANNA, 2008).

Mas no mercado atual, nem a empregada doméstica e a patroa são as mesmas, pois a patroa trabalha fora e são mulheres instruídas e a empregada doméstica se comporta diferente que antigamente, hoje ela age mais profissionalmente, algumas voltam a estudar chegando a fazer um ensino superior, mesmo que este seja a distância. Hoje a empregada doméstica reivindica por seus direitos trabalhistas que são iguais a de outros trabalhadores.

Nas organizações em geral, observa-se que a participação das mulheres é de, preferencialmente, não trabalhar em áreas que abrangem as ciências exatas. Uma pesquisa promovida pela ABRH – Nacional sobre o perfil do profissional no

setor de RH, com 1979 entrevistados em praticamente todos os estados brasileiros, revelou que há uma predominância de mulheres na função de RH, chegando a 77% entre os profissionais que atuam no setor. Quando se leva em conta só os cargos de chefia, elas são 59% do total. Já o setor de Relações Públicas teve uma queda de 3%. Outro fato significativo foi o crescimento da procura pelas mulheres nos setores administrativos e comerciais (MULHER, 2008).

Segundo Chiavenato (2004) as mulheres estão cada vez mais invadindo o meio empresarial, onde apostam em seus próprios empreendimentos, com muita seriedade seguem visando os objetivos da sua organização, e acabam se surpreendendo. Elas operam dentro de um processo de pensamento integrado, acreditam que é muito difícil separar os seus sentimentos do trabalho que fazem, sendo assim, toma suas decisões envolvendo toda sua personalidade.

Loden (1988) também afirma que as mulheres têm maior horror a riscos em relação aos homens, são mais predispostas a ver os riscos em termos negativos, e tendem a aceitar as oportunidades sem recompensas positivas, potenciais para si mesmas devido a preocupação com os riscos a curto prazo que estarão envolvidas.

Segundo Duarte (2006) é cada vez maior o contingente de mulheres que conciliam funções e papéis essenciais como mãe e dona do seu próprio estabelecimento, elas conseguem envolver toda a família e vencer adversidades com coragem, ousadia e muita criatividade. As mulheres têm capacidade de tornar o trabalho mais agradável, e fazendo com que o seu desempenho profissional se torne um ponto positivo para todos os outros membros da família.

Chiavenato (2004) cita alguns dos motivos pelos qual uma mulher se interessa por ter seu próprio negócio:

1 - Imensa vontade de ser seu próprio chefe, de ser independente e não receber ordens, mostrando seu talento em tudo que realiza.

2 - Ter a oportunidade de fazer o que lhe proporciona satisfação em vez de ser uma simples empregada que se preocupa apenas com um salário mensalmente e com férias no final de cada ano.

3 - Saber que pode realizar seu trabalho dependendo exclusivamente da sua própria iniciativa, sem necessitar das ordens do patrão.

4 - Ter reconhecimento profissional, pessoal e prestígio.

5 - Oportunidade de ter mais do que quando trabalhava como simples colaboradora, podendo assim estar satisfeita financeiramente.

6 - Ver as oportunidades de negócios surgir quando outras pessoas ignoram as chances de lucratividade.

7 - Colocar suas habilidades pessoais e recursos próprios, planejando as decisões dentro de um meio completamente desconhecido.

As mulheres estão presentes de maneira significativa no meio administrativo, valorizando suas capacidades e tornando conhecido todo o seu potencial. As pessoas que fazem parte da organização onde as mulheres lideram são muito mais satisfeitas emocionalmente, isso devido à maneira harmoniosa e equilibrada com que trata os negócios, tornando o resultado dos serviços prestados positivo (WIESEL, s/d).

Birley (2001) afirma que a mulher trabalhadora é motivada principalmente pela procura da felicidade, e é por esse motivo que as mulheres estão surgindo em todos os meios empresariais. O sucesso nos negócios está presente por uma razão muito simples, ser feliz e tornar feliz a vida das pessoas que amam.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é compreendida como um processo investigativo que busca a compreensão de fenômenos ou problemas naturais, econômicos, políticos e sociais, visando sua superação e a produção de novos conhecimentos para o bem estar do homem (GIL, 2002).

Neste capítulo são descritos o tipo a tipologia da pesquisa, bem como a abordagem utilizada, a população e amostra, e o instrumento de coleta de dados.

3.1 Abordagens Metodológicas e Tipo de Pesquisa

Para um melhor desempenho, a metodologia possui regras a serem seguidas, obtendo como consequência o conhecimento. Conforme Demo (1987, p.19)

A metodologia é uma preocupação instrumental. Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e praticante. Para atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos. Disto trata a metodologia.

Com o entendimento dos possíveis métodos que podem vir a ser utilizados e diante do objetivo de pesquisa, utilizou-se a **pesquisa descritiva**, pelo fato de estar descrevendo as características, demonstrando os possíveis fatos geradores de conflitos profissionais e familiares no cotidiano das mulheres trabalhadoras. Segundo Gil (2002, p. 42)

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

Na elaboração da fundamentação teórica deste estudo, buscando conceitos e definições que auxiliem no processo de desenvolvimento de tema escolhido, realizou-se uma **pesquisa bibliográfica**, pesquisa na Internet, livros e artigos para obter-se uma análise mais profunda e pertinente aos assuntos que foram abordados. Para Gil (2002), a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser

independente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental.

Analisando a afirmação pode-se dizer que foi através dessa pesquisa que se obteve o maior número de informações para o desenvolvimento do estudo. Contudo a pesquisa em relação ao problema foi de **abordagem quantitativa**, para que assim se pudesse quantificar todas essas opiniões, informações, dados e outros, que vieram garantir a precisão dos resultados sem que houvesse manipulações entre as variáveis.

É preciso pensar quantitativamente para mensurar os dados objetivos colhidos no questionário. Mas o foco **qualitativo** não pode ser deixado de lado pelo estudo, pois lida-se com dados que deverão ser analisados e interpretados, passando assim por abordagens subjetivas e pontos de vista, sempre estabelecendo uma ponte entre o pretendido e o possível de ser realizado.

Segundo Costa e Costa (2001, p.39),

Uma pesquisa pode ter abordagem qualitativa e/ou quantitativa. A qualitativa se preocupa com uma realidade que não pode ser quantificada. Ela trabalha com o subjetivo dos sujeitos (crenças, valores, atitudes, etc.). Esta abordagem também pode trabalhar com dados, porém, o tratamento não deve envolver estatística avançada. A abordagem quantitativa é aquela que tem como suporte medidas e cálculos mensurativos. A abordagem qualitativa busca a compreensão e a quantitativa a explicação.

Quanto aos procedimentos técnicos, realizou-se a **pesquisa de campo**, na qual foi aplicado um questionário às acadêmicas de cinco cursos da Universidade do Extremo Sul Catarinense para evidenciar a difícil conciliação de papéis gerados pela vida profissional e familiar das mulheres em questão. Desta forma, vindo ao encontro de Gil (1994, p. 76) que afirma:

As pesquisas deste tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se á solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para em seguida, mediante análise quantitativa, obter as conclusões correspondentes aos dados coletados.

Ainda, para discutir a problematização levantada nesta pesquisa e com a análise do questionário das acadêmicas da UNESC pretendeu-se buscar um entendimento sobre a questão e de possíveis sugestões para amenizar as dificuldades geradas pela situação mulher-profissional. Conforme Cervo e Bervian (1996, p.138),

[...] o questionário é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja. Em geral a palavra “questionário” refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche. Assim, qualquer pessoa que preencheu um pedido de trabalho teve a experiência de responder a um questionário. Eles contêm um conjunto de questões, todas logicamente relacionadas com um problema central.

A tipologia quanto à abordagem do tema, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e descritiva para analisar a relevância do estudo e dar maior qualidade a definição do tema, buscando um melhor entendimento dos conceitos que acompanham a mulher-profissional das grandes empresas.

Assim sendo, foram com base nesses procedimentos científicos pontuados anteriormente que se realizou o presente trabalho, sendo que a pesquisa bibliográfica, qualitativa e descritiva auxiliou na descrição teórica, as quais mediante a prática por meio do procedimento de levantamento, trouxeram um melhor entendimento do tema abordado.

3.2 Caracterização do Ambiente de Pesquisa

A pesquisa se deu na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, nos cursos de Secretariado Executivo, Administração de Empresas, Engenharia Ambiental, Pedagogia e Letras.

A FUCRI é a mantenedora da primeira escola de nível superior criada no Sul de Santa Catarina, foi criada pela lei nº. 697, de 22 de junho de 1968, com cursos voltados para o Magistério, e, com o crescimento do Sul do Estado, foram criados outros, visando a satisfazer a demanda empresarial, sofreu alteração estatutária em 1973 e em 1988, sendo reconhecida de utilidade pública pelo Decreto Federal nº. 72454/73, pelo Decreto Estadual nº. 4336/69 e pelo Decreto Municipal nº. 723/69.

Em 24/9/1991, o Conselho Estadual de Educação, pelo parecer 256/91, aprovou o regimento unificado da Unifacri. O processo de transformação da Unifacri em Unesc foi encaminhado ao Conselho Federal de Educação em 1991 e aprovado em agosto de 1992 pelo parecer 435/92 do CFE. Em 1993, face a transferência para o Conselho Estadual de Educação da competência de criação de universidades, o projeto da Unesc foi encaminhado ao CEE, que, em fevereiro de 1993, constituiu a Comissão de Acompanhamento, cuja atribuição era acompanhar o processo de

transformação da Unifacri em Unesc.

Em 3 de junho de 1997, o Conselho Estadual da Educação aprova por unanimidade o parecer do Conselheiro Relator e, em sessão plenária, em 17 de junho de 1997, também por unanimidade, aprova definitivamente a transformação em Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc, que definiu como missão "promover o desenvolvimento regional para melhorar a qualidade do ambiente de vida", tendo a Fucri como sua mantenedora.

Já em 11 de agosto daquele ano, a Universidade recebeu sua homologação, que equivale à 'certidão de nascimento', assinada pelo secretário de Educação, João Mattos, com a presença do vice-governador José Augusto Hulse. Em 18 de novembro ocorreu a instalação oficial da Unesc, no Teatro Elias Angeloni, com a participação de autoridades, empresários, professores, alunos e funcionários da Instituição.

Hoje conta com 32 cursos de graduação, 8 cursos de tecnologia, 28 cursos de especialização/pós-graduação, 3 cursos de mestrados e 1 curso de doutorado, estes contam com uma ampla estrutura de suporte e são bem conceituados pelo MEC.

3.3 População e Amostra

A amostra foi intencional, a Universidade conta com aproximadamente 4.000 acadêmicos, onde foram entrevistadas aproximadamente 40 mulheres dos cursos de Secretariado Executivo, Administração de Empresa, Engenharia Ambiental, Pedagogia e Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, onde estas responderam um questionário.

Segundo Gil (2002), esta amostragem tem por objetivo constituir um tipo de amostragem não probabilística onde seleciona um subgrupo da população, com base nas informações disponíveis.

3.4 Instrumento e Procedimentos de Coleta de Dados

Utilizou-se como instrumento para a coleta de dados uma entrevista, onde as entrevistadas responderam questões relacionadas à mulher no mercado de trabalho (apêndice 1). Segundo Gil (2002), a pesquisa de campo consiste na

observação espontânea dos fatos e fenômenos, geralmente no próprio local onde ocorrem tais fenômenos.

Para analisar a problemática que foi levantada, a pesquisadora utilizou de questionário contendo 27 questões sobre o tema investigado, sendo que 10 são abertas e 17 são fechadas.

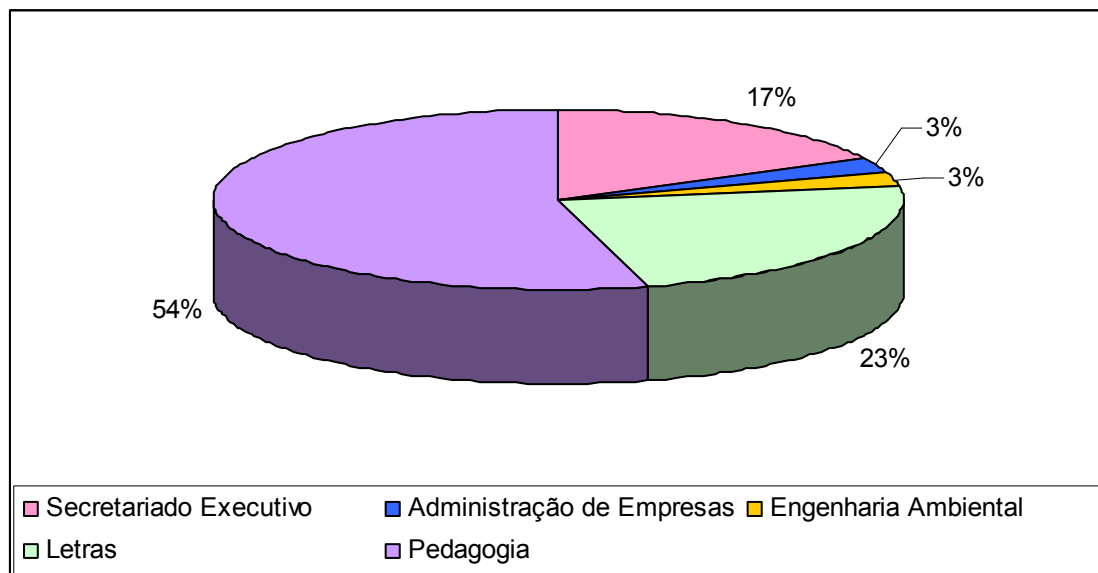
3.5 Tratamento dos Dados

Os dados coletados foram analisados quantitativamente, por meio da quantificação estatística, utilizando para isso o programa Microsoft Excel (versão 2007) e também qualitativamente por meio de uma análise dos discursos apresentados pelos sujeitos.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta os gráficos com as respostas das entrevistadas e análise geral da pesquisa. Tais perguntas estão relacionadas ao curso de graduação que elas fazem, a idade, o estado civil, há quanto tempo trabalha fora, quantas horas por dia trabalha, se trabalha nos finais de semana, se tem filhos, quantos tem, se possui filhos pequenos com quem ficam no período de trabalho, se tem dado atenção aos filhos, cuidado à saúde, o que faz para cuidar da saúde, qual a ocupação atualmente, cumpre as metas estabelecidas na empresa em que trabalha, investimento em capacitação profissional, sobre parar de trabalhar, se já apresentou doença por causa do trabalho, o significado de trabalho, um exemplo de mulher de sucesso profissional, se tem independência financeira, quem cuida dos afazeres domésticos da casa, responsável pelo sustento da família, o que faz no período de folga, significado de mãe e trabalho, possibilidade de conciliação entre sucesso profissional e filhos, e se a empresa para qual trabalha apresenta algum tipo de política/benefícios voltados para a profissional mãe.

Gráfico 1: Quanto ao curso de graduação



Fonte: Dados da pesquisa, 2010

De acordo com este gráfico, é possível observar que das mulheres entrevistadas, 54% fazem o curso de Pedagogia, 23% fazem Letras, 17% fazem Secretariado Executivo, 3% fazem Administração de Empresas e os outros 3% fazem Engenharia Ambiental.

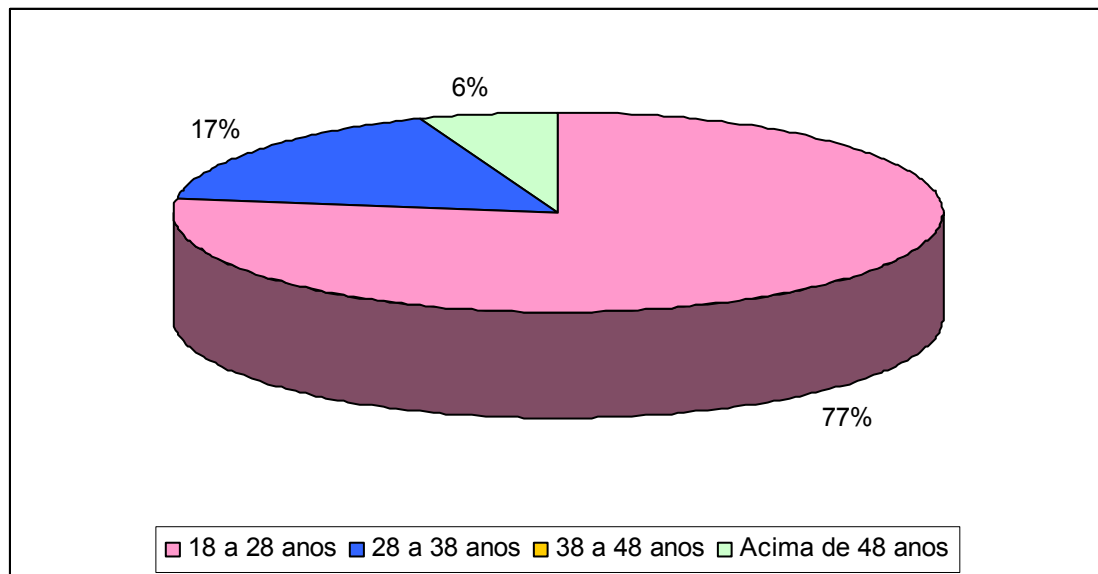
Segundo pesquisas feitas há 35 anos sobre a porcentagem de mulheres que procuram a universidade para se aperfeiçoarem e fazer uma profissão digna nos mais diversos cursos, os autores Barroso, Namó e Melo (1975 apud BRUSCHINI, 2010) concluíram que os cursos variam muito, nas Engenharias apenas 3% das mulheres ocupam este curso/área, enquanto que alguns cursos que são tradicionalmente caracterizados para mulheres como Pedagogia, Letras e a áreas das Ciências Humanas como Serviço Social, Secretariado Executivo e também na área da saúde como o curso de Enfermagem, nestas áreas o total é de 97%. Ainda nas pesquisas desses autores, observou-se que o aumento da participação das mulheres no ensino superior fica, sobretudo nas carreiras que conduzem ao magistério/pedagogia, onde decorre a feminização do corpo docente.

Por outro lado, sabemos que este índice nos dias atuais já é outro, pois no século XXI, as mulheres já fazem parte de qualquer curso, seja ele das áreas exatas, humanas ou da saúde. Ainda é possível ver mais o sexo feminino nas áreas de magistério, mas atualmente as mulheres já ocupam espaços antes considerados apenas para homens.

Todavia, as áreas mais procuradas pelas mulheres para o ensino superior são relativas, em primeiro lugar ao serviço da educação, depois na área de saúde, depois sociedade como psicologia, secretariado, depois nutrição, enfermagem, serviço social, sendo que essa tendência segue nos mestrados e doutorados (RISTOFF, 2006).

Aos poucos as mulheres se estabelecem no contexto escolar, inclusive no ensino superior, apesar de que ainda seja mais nos cursos ditos “femininos”.

Gráfico 2: Quanto à idade das entrevistadas



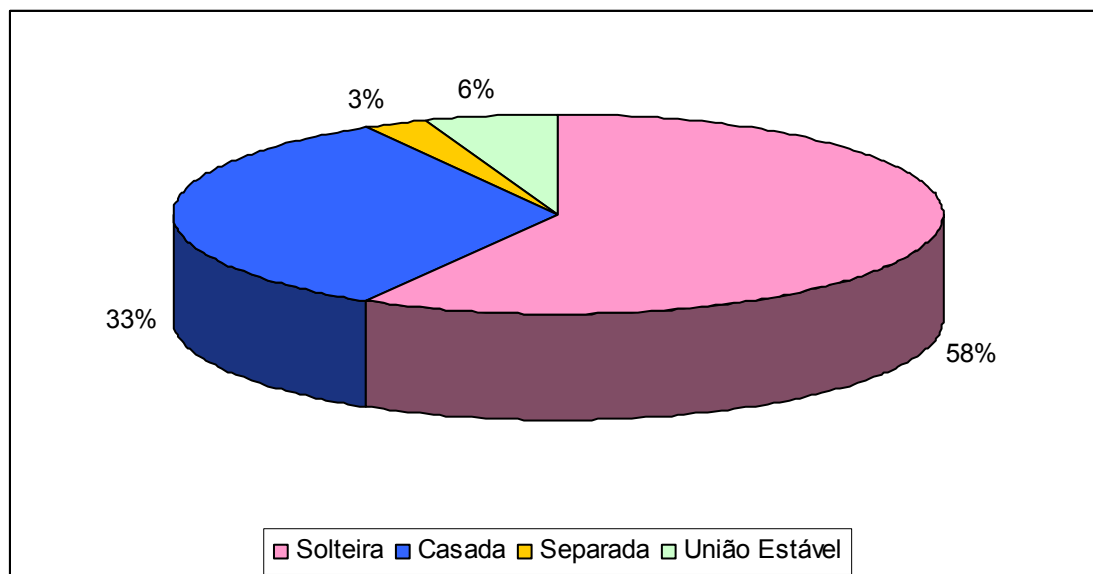
Fonte: Dados da pesquisa, 2010

É possível observar neste gráfico, que 77% das mulheres entrevistadas possuem idades entre 18 e 28 anos, 17% possuem de 28 a 38 anos e 6% possuem acima de 48 anos.

As jovens de 15 a 24 anos compõem um grupo populacional de amplo valor e papel na sociedade, em termos sociais, políticos e culturais, a jovem mulher é muito significativa no mercado de trabalho nas mais diversas áreas profissionais (IBGE, 2010).

Segundo Leão e Giglio (2002), trabalhar é uma das tarefas típicas da mulher com idades acima de 18 anos, a profissão é um veículo essencial para confirmar a identidade por meio do domínio do conjunto das habilidades, uma possibilidade de transcendência por meio das realizações pelo trabalho, contudo, geralmente as mulheres adultas tendem a questionar o sentido do trabalho em toda sua vida.

Gráfico 3: Quanto ao estado civil das entrevistadas



Fonte: Dados da pesquisa, 2010

O estado civil refere-se ao estado jurídico de um indivíduo em relação à família ou à sociedade, de acordo com Buarque (1986 apud FISCHER, 2010, p. 10), esta:

[...] lei universal rege o meio social independentemente de sua divisão política ou geográfica. O estado civil se modifica com as transformações sociais. Nas sociedades tradicionais, existem três condições no estado civil: solteiro, casado e viúvo. Naquelas em que as tradições passam por transformações, a exemplo da sociedade brasileira, verificam-se algumas mudanças na lei que rege o estado conjugal, tais como a legalização dos estados civis desquitado e divorciado.

O gráfico 3 mostra que 58% das entrevistadas são solteiras, 33% são casadas, 6% tem uma união estável com seu parceiro e apenas 3% são separadas.

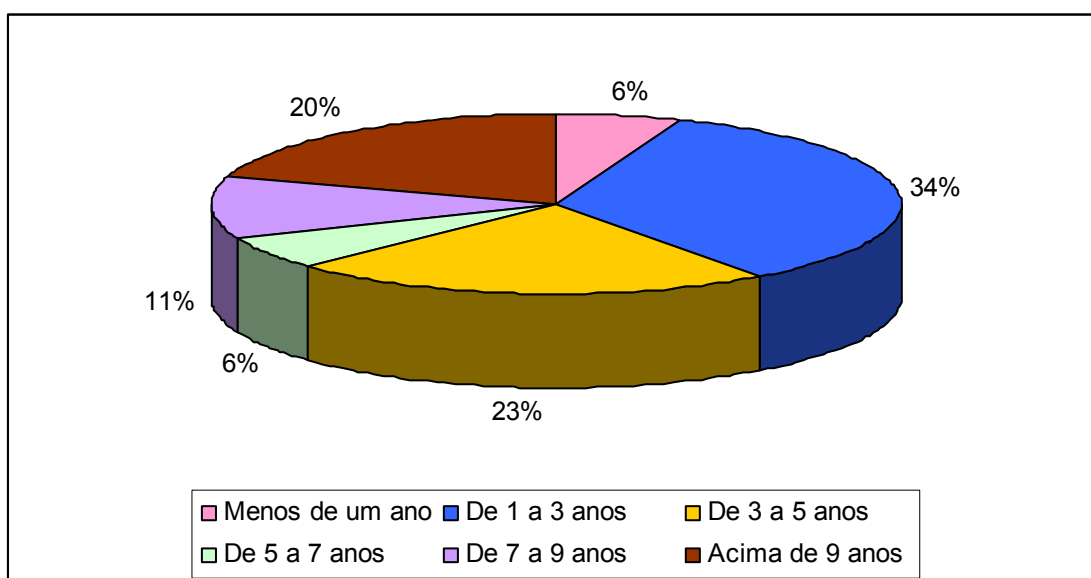
O estado civil que predomina nesta pesquisa são de mulheres solteiras (58%), de um modo geral, por serem novas com idades jovens, consideram agradável essa condição, mas o casamento é parte de seu projeto de vida, sendo que o ensino superior e o trabalho estão acima de suas necessidades.

As trabalhadoras casadas ocupam o segundo lugar entre as pesquisadas (33%), mantendo as tradições onde os valores sociais são conservados por mais tempo, o matrimônio ainda é um sonho para a maioria das mulheres, embora a afinidade matrimonial apresente mudanças salientes com a entrada da mulher no mercado de trabalho remunerado e a consequente elevação do seu nível de consciência.

Cerca de 6% das entrevistadas vivem em união estável, ou seja, na linguagem popular, a condição de união estável pode ser entendida como amasiada, junta, amigada, amancebada, etc.

As mulheres separadas representam aproximadamente, 3% das entrevistadas, são mulheres que tiveram casamentos fracassados, algumas até relevaram a solidão e possuem namorados, mas preferem morar sozinha em suas residências ou apenas com os filhos.

Gráfico 4: Tempo de trabalho das entrevistadas:

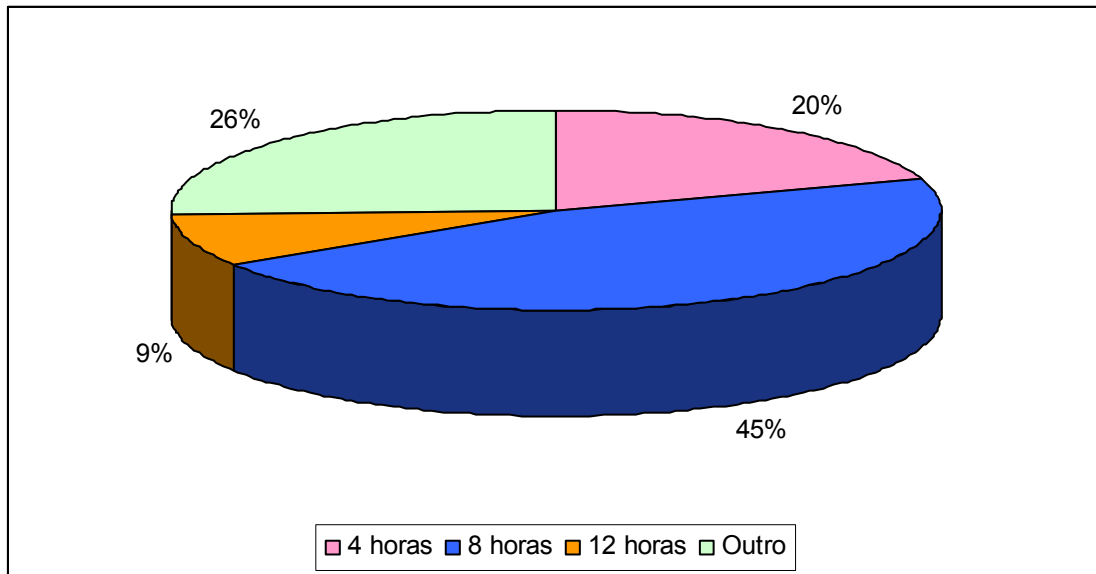


Fonte: Dados da pesquisa, 2010

É possível observar no gráfico 4, que 34% das entrevistadas trabalham fora há 1 a 3 anos, 23% de 3 a 5 anos, 20% acima de 9 anos, 11% de 7 a 9 anos, 6% de 5 a 7 anos e outros 6% menos de um ano.

Segundo Pelatieri(2005), a mulher trabalhadora conta que o tempo de serviço conta com o momento que trabalha fora de casa e do deslocamento, o tempo de trabalho dedicado à reprodução.

Gráfico 5: Quanto às horas de trabalho por dia

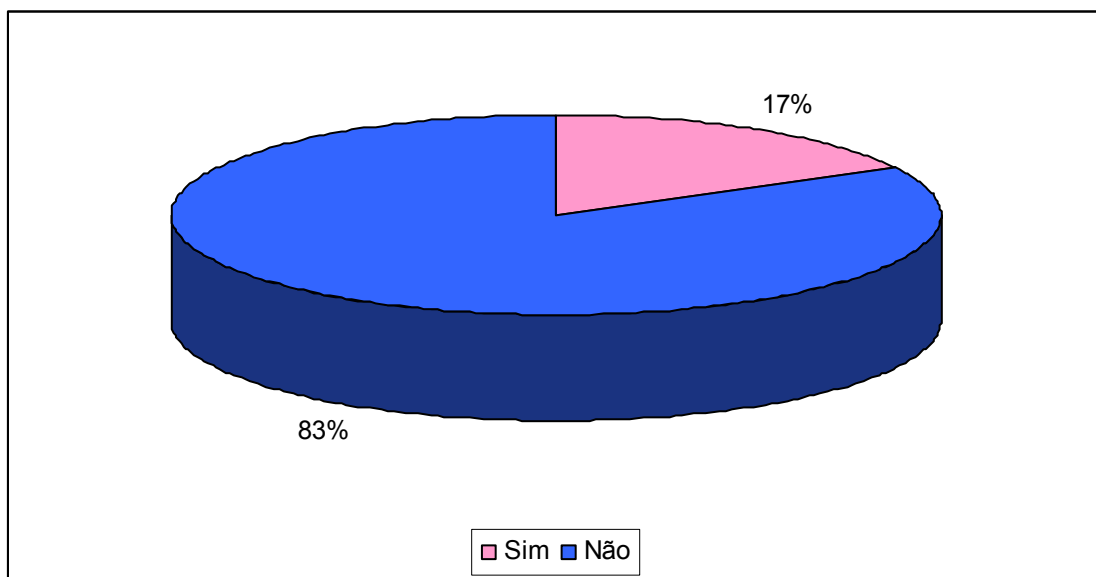


Fonte: Dados da pesquisa, 2010

De acordo com o gráfico 5, 45% das entrevistadas trabalham 8 horas por dia, 26% trabalham mais horas por dia, 20% trabalham apenas 4 horas por dia e 9% trabalham 12 horas por dia.

Em relação à jornada de trabalho, Nogueira (2005, p. 1) afirma que “[...] quanto menor é o tempo de trabalho, maior é a presença feminina [...]”. Confirmando assim que a tendência mundial apresenta a mulher trabalhadora como superior nas jornadas de trabalho parciais, ou seja, na média, trabalham fora de 4 a 8 horas por dia.

Gráfico 6: Quanto ao trabalho nos finais de semana



Fonte: Dados da pesquisa, 2010

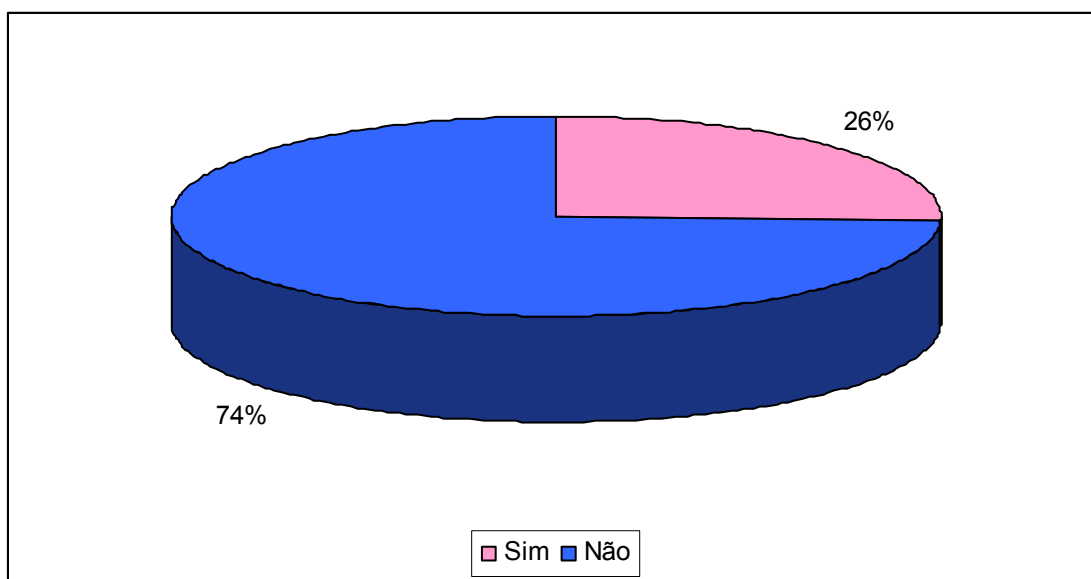
De acordo com o gráfico 6, apenas 17% das entrevistadas trabalham no

final de semana, enquanto 83%, ou seja, a maioria, não trabalha nos finais de semana, tendo tempo para se dedicar a outros afazeres.

O trabalho nos finais de semana, possibilita dizer a existência de dupla jornada de trabalho como forma de complementação salarial que trazem implicações na vida dessas trabalhadoras nas esferas física, emocional, mental e social, influências na vida afetiva e familiar, dificuldades de conciliar a vida social com o trabalho, pois além do seu tempo livre ser consumido muitas vezes pelos afazeres domésticos, cuidado com os filhos, estudos, ainda são ocupadas com outro vínculo empregatício ou escala de trabalho (MACÊDO, 2006).

Fischer, Lieber e Brown (1995 apud MACÊDO, 2006) referem que em grande parte da vida das mulheres trabalhadoras que fazem turnos nos finais de semana, feriados e horas extras, embora tenha benefícios como adicionais e bônus no pagamento, estes não compensam as barreiras enfrentadas por estas mulheres no decorrer de suas vidas.

Gráfico 7: Quanto aos filhos



Fonte: Dados da pesquisa, 2010

O gráfico 7, mostrou que apenas 26% das mulheres entrevistadas possuem filhos e 74% não possuem.

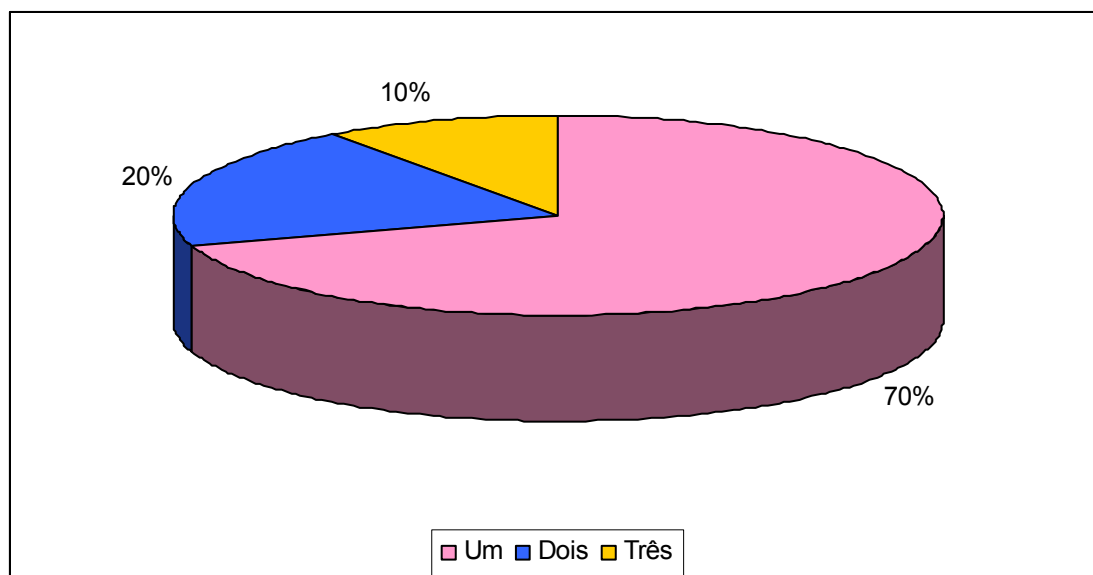
Monteiro (2010, p. 1), confirma o resultado da pesquisa, quando diz que “No Brasil, o número de mulheres com vontade, coragem, de terem filhos é menor a cada ano, isso por que a mulher vem se destacando profissionalmente”.

As mulheres trabalhadoras estão se destacando no mercado de trabalho,

estão ocupando as cadeiras dos ensinos superiores e tirando os lugares dos homens, e para isso elas estão colocando a frente como primeiro plano sua qualificação para o mercado de trabalho, deixando para segundo plano a constituição da família (MONTEIRO, 2010).

Já para Rossetti-Ferreira et al (2004), as mulheres, mães trabalhadoras conseguem unificar positivamente a analogia única dos papéis de mãe e trabalhadora, estas tanto assumem seu dever de ser mães e de serem profissionais, gerando uma alternância de identidades em distintos períodos. Pode-se dizer que a mulher, mãe e trabalhadora é um ser múltiplo.

Gráfico 8: Quanto ao número de filhos que possui



Fonte: Dados da pesquisa, 2010

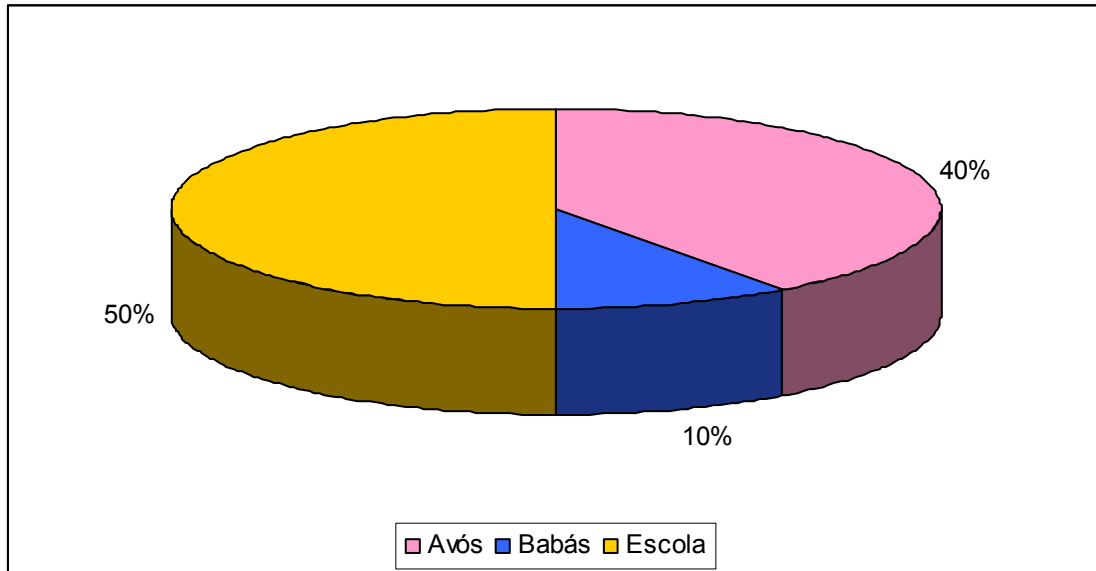
No gráfico 8, das entrevistadas que responderam que tinham filhos, 70% delas possuem apenas um filho, 20% possuem dois filhos e 10% possuem três filhos.

Ser mulher, trabalhadora e mãe, não importando o número de filhos, é assumir papéis múltiplos e contraditórios, construídos socialmente e em permanente processo de mudança (HALL, 2001).

Araújo-Teixeira (2008) confirma que à mulher, mãe e trabalhadora ao estabilizar sua posição no mercado profissional tem adiado seus projetos pessoais, principalmente o de ser mãe. A diminuição no número de filhos é um dos fatores que tem colaborado para promover a presença da mão-de-obra feminina. Com menos filhos, as mulheres trabalhadoras conseguem conciliar melhor o papel de mãe e

trabalhadora, pois a atividade produtiva fora de casa, passou a ser tão importante quanto à maternidade.

Gráfico 9: Quanto com que fica os filhos no período em que trabalha



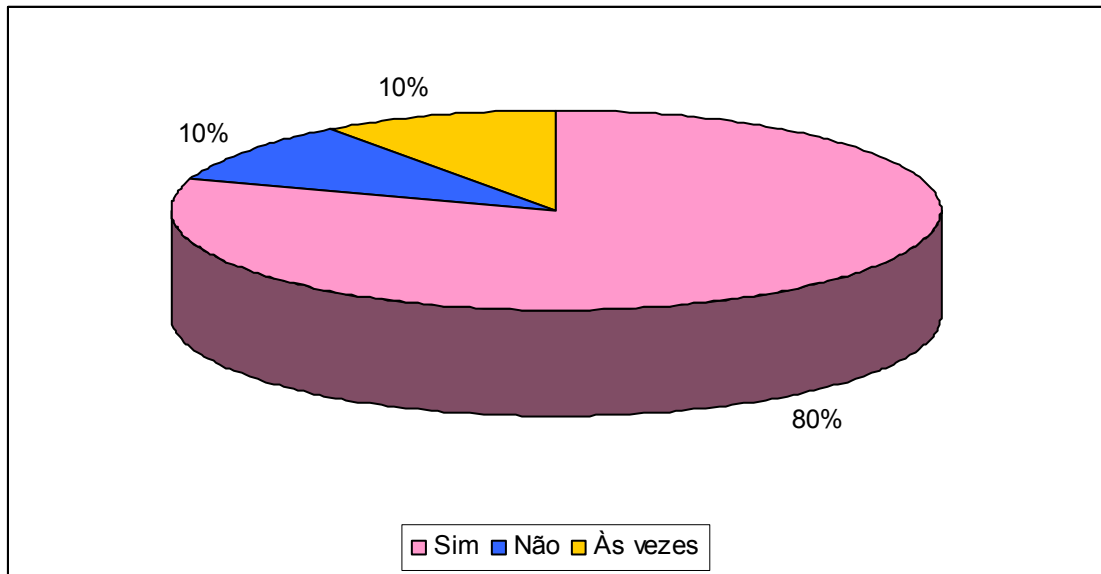
Fonte: Dados da pesquisa, 2010

No gráfico 9 das entrevistadas que responderam que tinham filhos, 50% dizem que seus filhos ficam na escola, 40% dizem que ficam com os avós e apenas 10% dizem que ficam com babás.

Para o cuidado dos filhos nos momentos em que está trabalhando, as mulheres trabalhadoras buscam vários arranjos, como avós, tias, babás, creches e escolas, estas são os recursos mais utilizados, outras mulheres podem contar também com a ajuda do esposo, mas perante a sociedade machista é ainda difícil encontrar a participação do homem nas atividades familiares e domésticas (ROCHA-COUTINHO, 2003 apud ALMEIDA, 2007).

Na família de classe média, as mães trabalhadoras continuam se percebendo como a pessoa responsável que se dedica ao binômio de educar/cuidar seus filhos, por mais que essa tarefa possa se dividida com parentes, esposo ou profissionais, já as mães das classes mais baixas conseguem dividir estas tarefas com os membros da família ou com instituições especializadas como creches e centros de educação infantil (ALMEIDA, 2007).

Gráfico 10: Quanto à atenção dada aos filhos

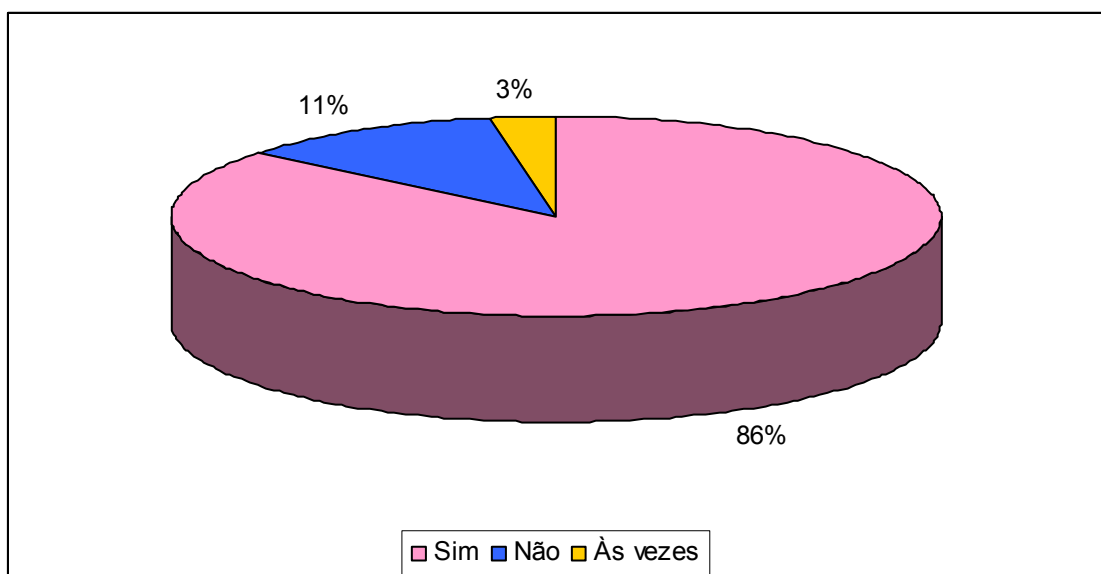


Fonte: Dados da pesquisa, 2010

De acordo com o gráfico 10, 80% das mulheres que são mães dizem que sim, que dão atenção aos seus filhos apesar de trabalharem e estudarem, 10% dizem que não dão atenção e outras 10% dizem que às vezes dão atenção necessária a seus filhos.

Segundo Spindola e Santos (2004), a mulher trabalhadora sente-se duplamente culpada porque não dá a devida atenção aos filhos, esta situação se torna crítica para as profissionais que possui jornada de trabalho completamente exaustiva ou que a área na qual trabalha depende exclusivamente dela mesmo para a execução das atividades.

Gráfico 11: Quanto ao cuidado com a saúde

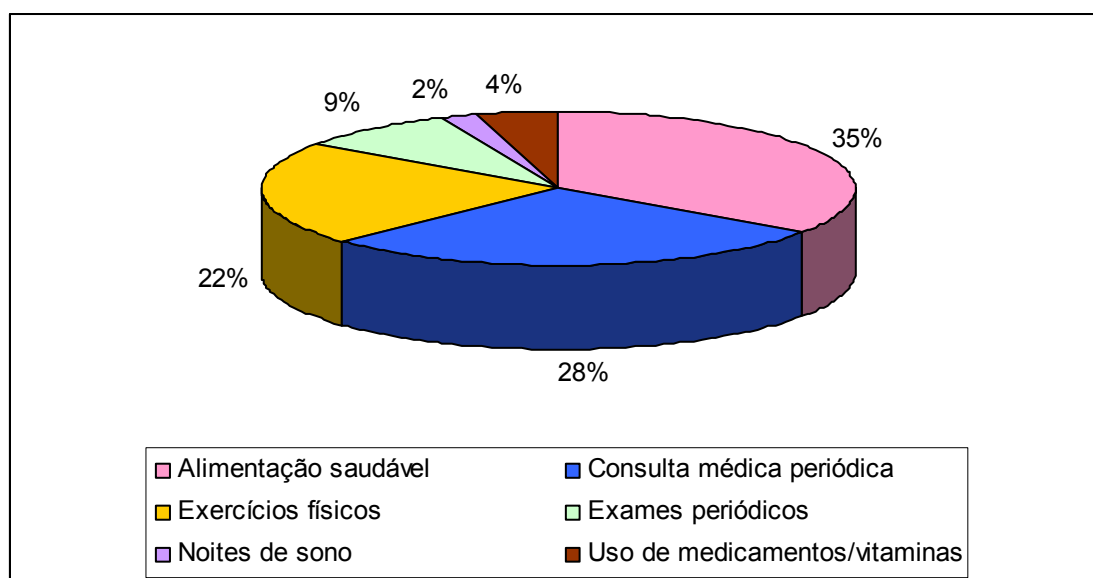


Fonte: Dados da pesquisa, 2010

O gráfico 11 mostra que 86% das entrevistadas dizem que cuidam de sua saúde, 11% dizem que não cuidam e 3% dizem que cuidam as vezes.

A deterioração física no trabalho não pode se reduzir ao trabalho profissional, porque às mulheres trabalhadoras ao chegar em casa depois de um dia exaustivo de trabalho, não terá tempo para o descanso e o sono, pois terão que enfrentar uma outra jornada, que é a realização dos afazeres domésticos e também precisa tirar um tempo para o cuidado com sua saúde e corpo, repondo suas energias com algumas horas de sono, de lazer com os familiares e amigos, uma alimentação saudável e equilibrada e outros cuidados com o corpo como exames, consultas e exercícios físicos (AQUINO; MENEZES; MARINHO, 1995).

Gráfico 12: Quanto o que fez para cuidar da saúde



Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Essa questão é de múltipla escolha, das entrevistadas que responderam sim (N=30), os dados obtidos para esta questão, é que 35% fazem alimentação saudável, 28% fazem consulta médica periódica, 22% fazem exercícios físicos, 9% fazem exames periódicos, 4% fazem uso de medicamentos/vitaminas e 2% tiram boas noites de sono.

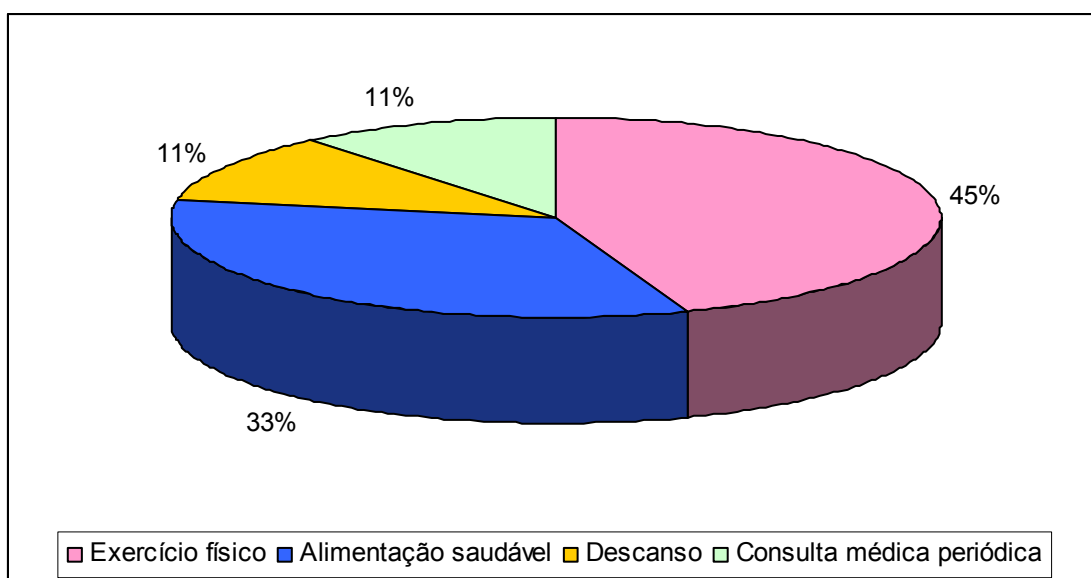
Segundo Dubner (2010, p. 1):

Falar de saúde hoje é percorrer um caminho ilimitado, cheio de nuances, que termina em um lugar comum: equilíbrio. Estudos comprovam que o homem precisa aprender a integrar corpo, mente, emoção e espírito, para encontrar o verdadeiro equilíbrio. É nesse lugar que a saúde habita. Mas não é fácil atingir esse ponto de chegada. É necessário treinar todos os dias, informar-se, ter abertura para aprender coisas novas, mudar hábitos e

ter disciplina. Desenvolver uma prática saudável é tarefa para o resto da vida.

Confrontando a citação acima, o Ministério da Saúde (BRASIL, 2002) aponta que o direito a uma saúde de qualidade é fundamental para qualquer cidadão, principalmente para a mulher trabalhadora. Neste parâmetro o governo deve investir em recursos para a promoção da saúde, de maneira a melhorar o nível de saúde de todas as pessoas. É imprescindível que as profissionais estejam asseguradas e que tenham acesso a uma vida saudável e satisfatória, assim haverá um aumento na sua produtividade, tanto em termos sociais como econômicos.

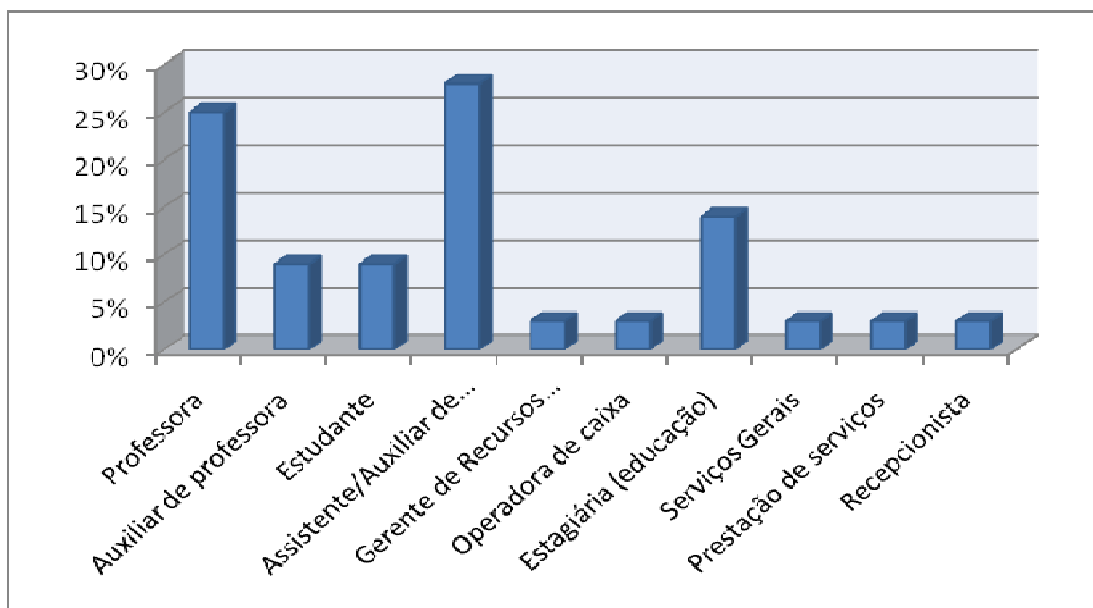
Gráfico 13: Quanto o que fariam se pudessem cuidar da saúde



Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Em relação ao gráfico 13, das entrevistadas que responderam não (N=5), elencaram que se pudessem cuidar da saúde, 45% fariam exercícios físicos, 33% fariam alimentação saudável, 11% fariam descanso e 11% fariam consulta médica periódica. Para as entrevistadas que responderam não, é interessante elencar que a manutenção da boa saúde da mulher trabalhadora exige uma série de cuidados e atitudes preventivas. Cada mulher tem uma história e uma bagagem hereditária que devem ser analisadas cuidadosamente com a supervisão de um médico, exames periódicos para garantir uma vida saudável e sem surpresas.

Gráfico 14: Quanto a ocupação das entrevistadas

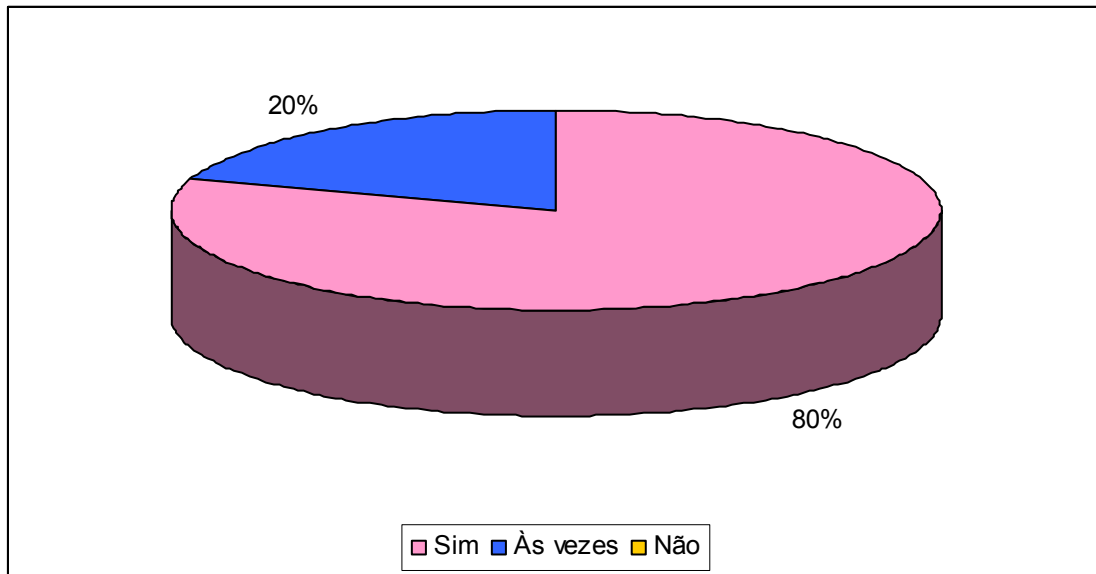


Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Como é possível observar no gráfico 14, as ocupações são das mais variadas possíveis, onde 28% são assistentes/auxiliares de escritório, 25% são professoras, 14% são estagiárias na área de educação, 9% são auxiliares de professora, 9% são apenas estudantes, 3% são gerente de Recursos Humanos, 3% são operadoras de caixa, 3% trabalham na área de serviços gerais, 3% trabalham com prestação de serviços e outras 3% são recepcionista.

Em relação ao trabalho, é possível dizer que o perfil das mulheres trabalhadoras tem uma atividade de perfil feminino: professoras, secretárias, recepcionistas, auxiliares de educação, empregadas domésticas e de serviços gerais, etc. É possível notar que “até mesmo ao procurarem um trabalho ou profissão, as mulheres tendem a carregar as atribuições que ao longo dos séculos vêm sendo tidas como essencialmente femininas: prestação de cuidados, subserviência, educação, etc” (ALMEIDA, 2007, p. 418).

Gráfico 15: Quanto ao cumprimento de todas as metas de trabalho



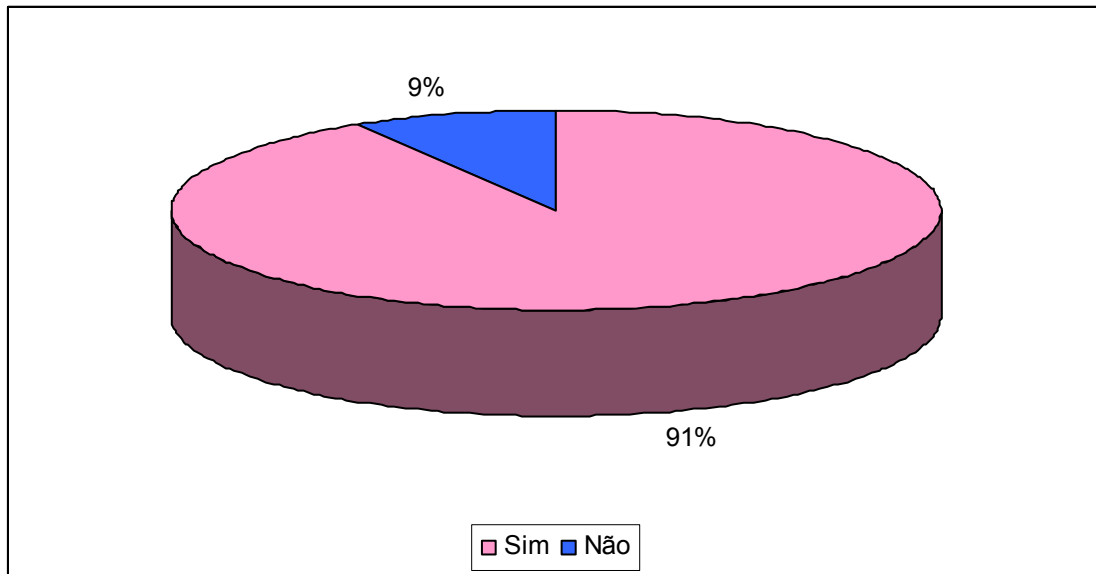
Fonte: Dados da pesquisa, 2010

O gráfico 15 aponta que 80% das entrevistadas dizem que conseguem cumprir as metas estabelecidas no trabalho e 20% dizem que às vezes conseguem cumprir.

Segundo Araújo e Oliveira (2005), o excesso de preocupação com a qualidade da produção e com o cumprimento das metas estabelecidas no trabalho traz às mulheres trabalhadoras a sensação constante de estarem sempre devendo alguma coisa para o local onde trabalham, para evitar situações problemáticas e até mesmo humilhações as trabalhadoras buscam estratégias individuais para sobreviverem à estas diretrizes organizacionais.

Sobre os cumprimentos de metas no ambiente de trabalho é preciso rever alguns parâmetros, pois segundo Vinhal (2008, p. 1), “a pressão para o cumprimento de metas inatingíveis adocece o ambiente de trabalho”. Não apenas, o ambiente, mas também, causa problemas de saúde às trabalhadoras que são colocadas frente a estas metas.

Gráfico 16: Quanto ao investimento da capacitação profissional



Fonte: Dados da pesquisa, 2010

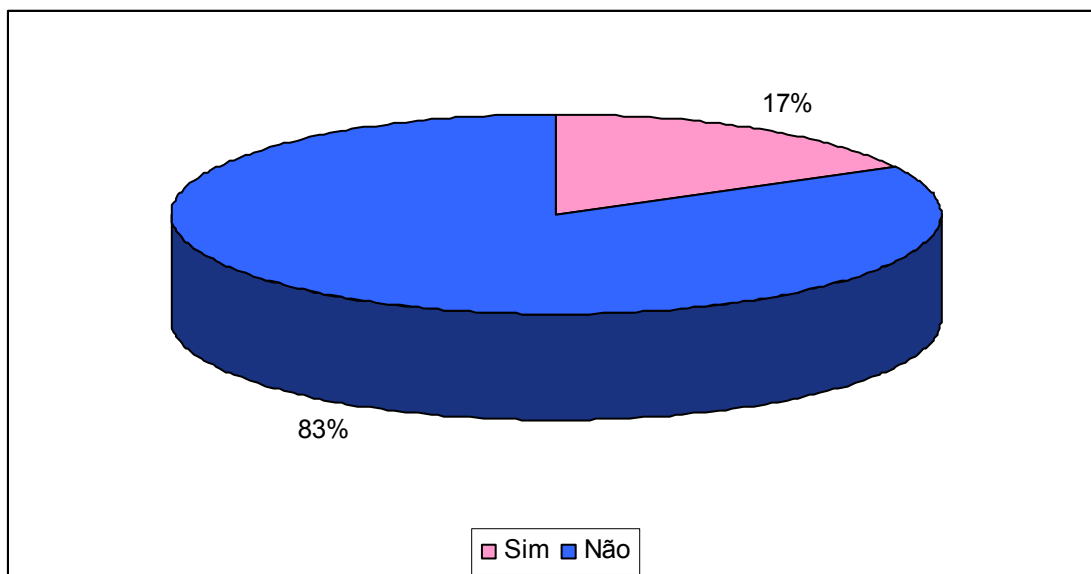
O gráfico 16 apresenta os resultados em relação à capacitação profissional, onde 91% das entrevistadas dizem que sim, ou seja, que investem e 9% dizem que não.

Segundo Brasil (2004) para reverter à condição de inferioridade da mulher com relação ao homem no mercado de trabalho, é preciso investir na capacitação profissional dessas trabalhadoras.

A capacitação para enfrentar as desigualdades no mundo do trabalho é vista como essencial para a inclusão social, para crescimento com geração de trabalho e renda ambientalmente sustentável, ampliação da probabilidade de permanência no mercado de trabalho e elevação da produtividade (BRASIL, 2004, p.43).

A qualificação profissional, integrada a outras políticas, deve se constituir em um espaço de negociação coletiva e objetivar a integração entre trabalho, educação e desenvolvimento, “a integração com outras políticas públicas de geração de trabalho, emprego e renda, com as políticas de educação e com as políticas de desenvolvimento é o princípio básico da política de qualificação” (MORAES, 2005, p. 28).

Gráfico 17: Quanto ao pensar de parar de trabalhar



Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Em relação ao gráfico 17, 83% das entrevistadas responderam que não parariam de trabalhar enquanto que 17% que parariam. Dos 17% das entrevistadas que responderam que parariam, levantaram os seguintes motivos:

Ficar mais com meus filhos (E17).
A rotina é muito cansativa (E14).
Quero ter independência financeira (E1, E7).
Para me dedicar mais na faculdade (E31).
Devido a desvalorização dos profissionais de educação (E18).
Dar mais atenção a minha família (E35).

Segundo o IBGE (2010), é preciso rever alguns parâmetros e políticas públicas para que as mulheres trabalhadoras não desistam de suas profissões, pois enquanto elas estiverem sozinhas enfrentando o cuidado dos filhos e todas as outras tarefas domésticas, sua inserção no mercado de trabalho será, no mínimo, mais difícil que a dos homens.

Das entrevistadas que responderam não (83%), responderam que não parariam pelos seguintes motivos:

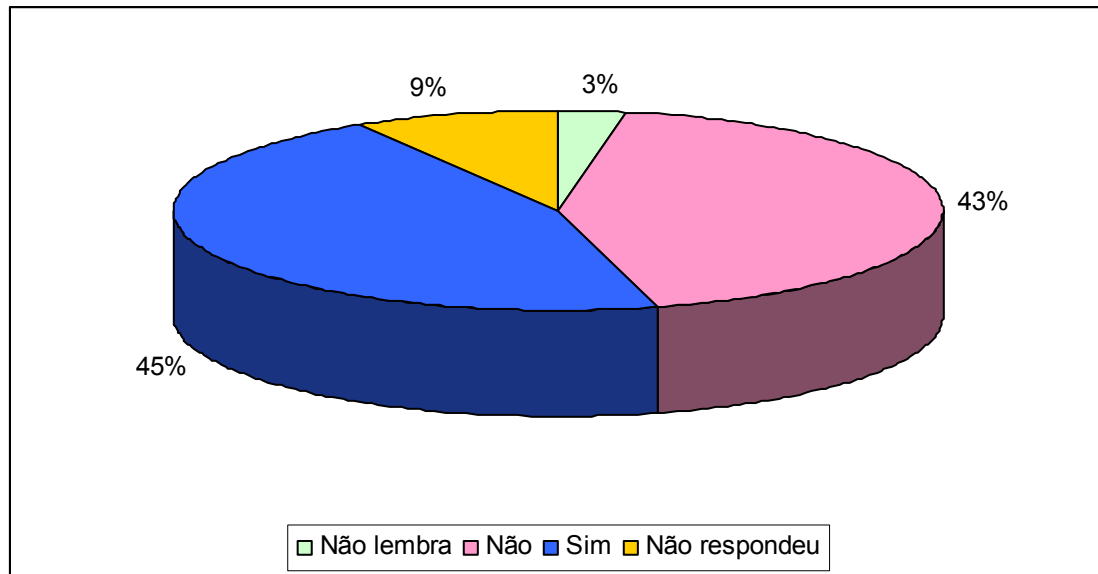
Porque preciso trabalhar para cobrir as despesas e também o trabalho me realiza (E10).
Meu salário ajuda a família (E13).
Porque penso que a profissão rende grande reconhecimento profissional (E12).
É só o começo de uma longa jornada (E22).

Pois se eu parar de trabalhar, tenho que parar a faculdade também (E24).

Por necessidade (E27).

Das entrevistadas que responderam não, algumas não deram o porquê, não justificando suas respostas.

Gráfico 18: Quanto às doenças apresentadas por causa do trabalho

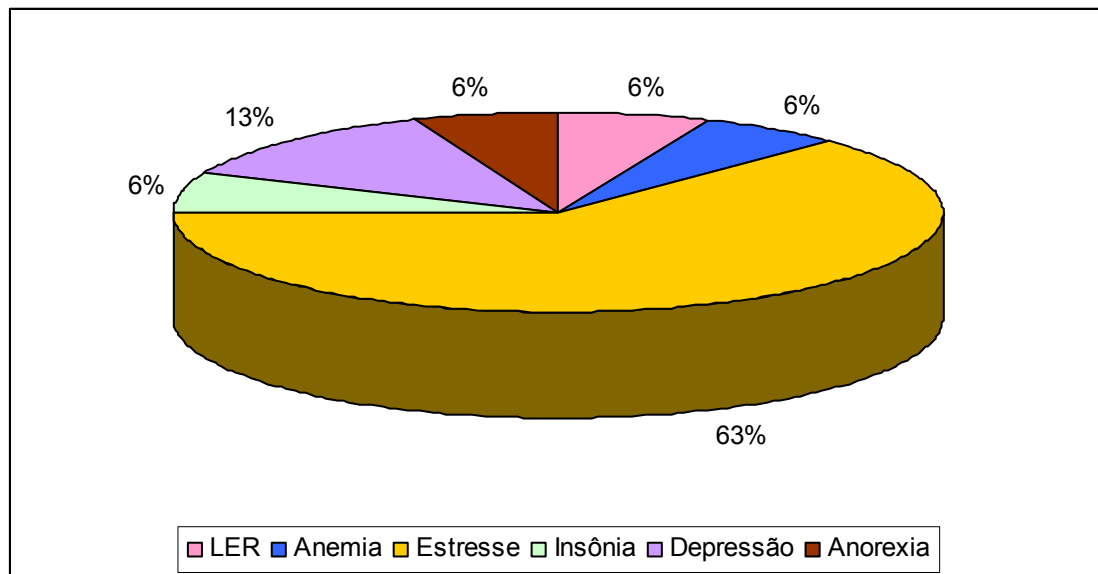


Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Em relação a este gráfico, é possível dizer que 45% das entrevistadas disseram que sim, que apresentaram alguma doença por causa do trabalho, 43% dizem que não, 9% não respondeu a esta questão e 3% dizem que não lembra.

Por causa do trabalho excessivo este se torna uma fonte frequente de estresse, fadiga, depressão, entre outros, esta sobrecarga entende-se pelo abuso de atividades realizadas num determinado período de tempo. Esta sobrecarga refere-se a excessivas cobranças em relação com as capacidades, conhecimentos e destrezas da mulher trabalhadora (PEIRÓ, 1993).

Gráfico 19: Quanto as doenças ocasionadas pelo trabalho



Fonte: Dados da pesquisa, 2010

De acordo com o gráfico 19, 63% das entrevistadas apresentaram problemas de estresse, 13% problemas de depressão, 6% problemas de LER (Lesão por Exercício Repetitivo), 6% problemas de anemia, 6% problemas de insônia e outros 6% problemas de anorexia.

Segundo Almeida (2010), as doenças ocasionadas pelo trabalho, também conhecidas como doenças ocupacionais, incidem da exposição das trabalhadoras aos riscos da atividade que desenvolve, onde essas doenças podem causar afastamentos temporários, repetitivos e até definitivos. Estas doenças ocorrem geralmente na faixa dos 30 aos 40 anos, mas também afeta outras idades e prejudica a produtividade da profissional, podendo afastá-la de sua carreira e desestruturar toda a sua vida.

Ainda para Almeida (2010, p. 1), as doenças mais comuns são: “doenças das vias aéreas, perda auditiva relacionada ao trabalho (PAIR), intoxicações exógenas, LER/DORT – Lesão por Exercício Repetitivo/Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho, dermatoses ocupacionais, estresse”.

Conforme o resultado da pesquisa, a doença ocupacional que mais tem afetado as profissionais é o estresse (63%), que segundo Almeida (2010, p. 1), “geralmente [...] é causado por sobrecarga de tarefas e ausência de pausas para descanso e exercícios físicos”.

Em segundo lugar, de acordo com os resultados da pesquisa, é a depressão (13%), que segundo Ballone (2010, p. 1), define que é:

[...] uma doença "do organismo como um todo", que compromete o físico, o humor e, em consequência, o pensamento. A Depressão altera a maneira como a pessoa vê o mundo e sente a realidade, entende as coisas, manifesta emoções, sente a disposição e o prazer com a vida. Ela afeta a forma como a pessoa se alimenta e dorme, como se sente em relação a si próprio e como pensa sobre as coisas. A Depressão é, portanto, uma doença afetiva ou do humor, não é simplesmente estar na "fossa" ou com "baixo astral" passageiro. Também não é sinal de fraqueza, de falta de pensamentos positivos ou uma condição que possa ser superada apenas pela força de vontade ou com esforço. As pessoas com doença depressiva (estima-se que 17% das pessoas adultas sofram de uma doença depressiva em algum período da vida) não podem, simplesmente, melhorar por conta própria e através dos pensamentos positivos, conhecendo pessoas novas, viajando, passeando ou tirando férias. Sem tratamento, os sintomas podem durar semanas, meses ou anos. O tratamento adequado, entretanto, pode ajudar a maioria das pessoas que sofrem de depressão.

Em terceiro lugar foi o LER (6%), esta é uma doença muito comum em profissionais de várias áreas, onde segundo Almeida (2010, p. 1), é um "conjunto de doenças que atingem principalmente os músculos, tendões e nervos. O problema é decorrente do trabalho com movimentos repetitivos, esforço excessivo, má postura e estresse, entre outros".

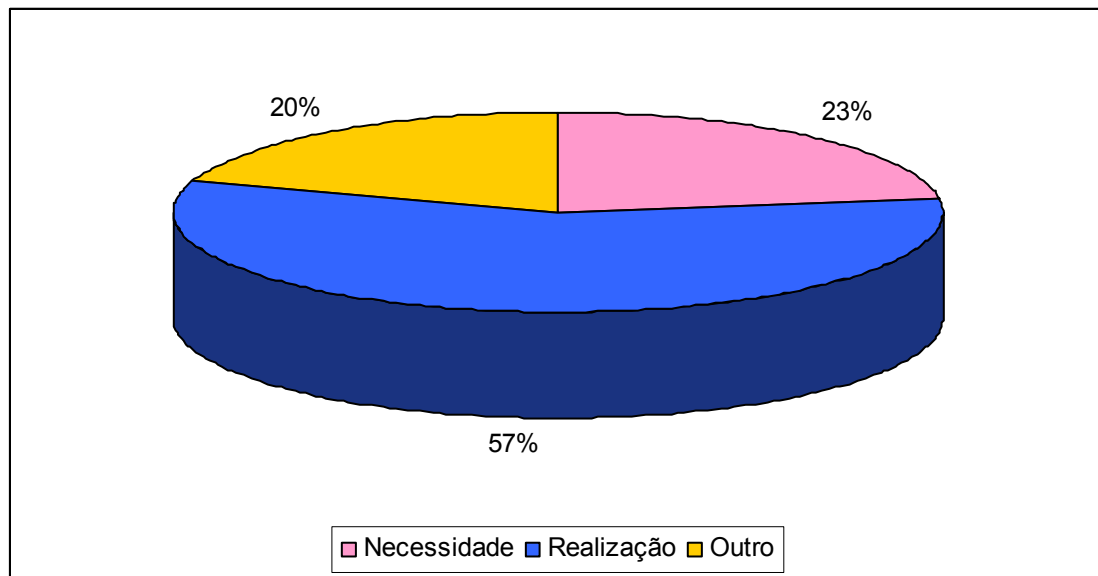
A quarta doença apontada pelo resultado da pesquisa foi a anemia (6%), que segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS apud BIBLIOMED, 2005, p. 1) como:

[...] a condição na qual o conteúdo de hemoglobina no sangue está abaixo do normal como resultado da carência de um ou mais nutrientes essenciais, seja qual for a causa dessa deficiência. [...] 30% da população mundial é anêmica [...] São várias as causas de anemia, sendo a anemia por deficiência de ferro a mais prevalente em todo o mundo.

A quinta doença apontada pelos dados da pesquisa foi a insônia (6%), que segundo Varella (2010, p. 1), "se caracteriza pela incapacidade de conciliar o sono e pode manifestar-se em seu período inicial, intermediário ou final".

E a última doença apontada na pesquisa foi a anorexia (6%), que Marot (2004, p. 1), define como sendo "o comportamento persistente que uma pessoa apresenta em manter seu peso corporal abaixo dos níveis esperados para sua estatura, juntamente a uma percepção distorcida quanto ao seu próprio corpo, que leva o paciente a ver-se como "gordo"".

Gráfico 20: Quanto ao significado do trabalho



Fonte: Dados da pesquisa, 2010

De acordo com o gráfico 20, 57% das entrevistadas responderam que o trabalho é significado de realização, 23% dizem que é significado de necessidade e 20% dizem ser outros.

Sobre trabalho, é interessante primeiro definir o que vem a ser trabalho, onde Codo (1995, p. 141), explica que:

[...] trabalho é o ato de depositar significado humano à natureza. [...] numa sociedade baseada na cooperação e na troca, trabalho é o ato de depositar significado social à natureza. Ao produzir, o homem transforma a natureza e é por ela transformado. Seu produto o representa e o reapresenta. A própria sociedade é criada e tem seus valores modelados pelas formas de produção.

O trabalho pode ser significado de arte, pois quando se depara na consolidação do esforço gasto, a profissional por meio do trabalho consegue expor suas crenças, atitudes e valores. Esta afirmação é verdadeira tanto para àquele que está satisfeita com seu trabalho quanto para àquela que está insatisfeita. No primeiro caso, a trabalhadora alienada de si mesmo exterioriza seus princípios de obediência ou acomodação do ambiente de trabalho, e no segundo, atualiza seu potencial, o que o coloca no caminho da individualidade, e, portanto da realização pessoal (CAVALLET et al, 2009).

Flausino (2009) aponta que as mulheres trabalhadoras dão significados diferentes, dependendo a área na qual ela se encontra, pois se ela trabalha no setor público, as profissionais apreciam mais ter conhecimentos novos, ter autonomia e

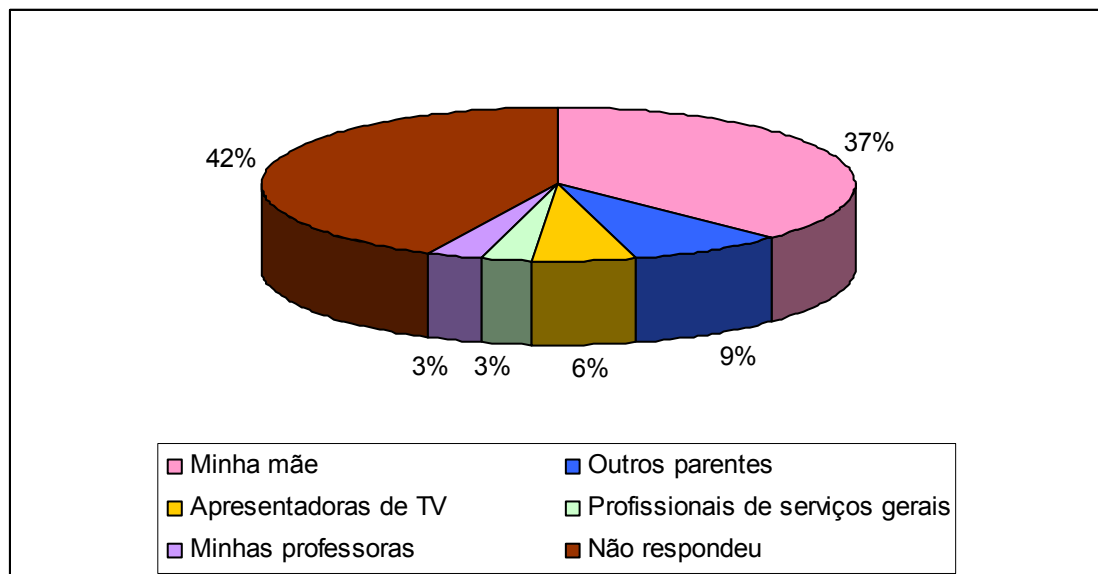
contatos importantes, e no setor privado, elas apreciam mais o espaço físico, o relacionamento interpessoal, que este trabalho seja atraente e que receba salários compatíveis.

Bonsucesso (1997, p.16), atribui valor ao fazer profissional, quando a profissional leva em conta:

- opção pessoal – a escolha da profissão (por vezes compulsória);
- montante de esforço físico e intelectual;
- monotonia ou variação;
- relação entre o que faz e o todo;
- possibilidade de criação e auto-realização;
- status na organização e na sociedade;
- nível de remuneração.

A conexão se dá a partir do período em que o trabalho apresenta afinidade com as expectativas, interesses pessoais e perspectivas de crescimento pessoal e profissional (CAVALLET et al., 2009).

Gráfico 21: Quanto a um exemplo de mulher de sucesso profissional para as entrevistadas



Fonte: Dados da pesquisa, 2010

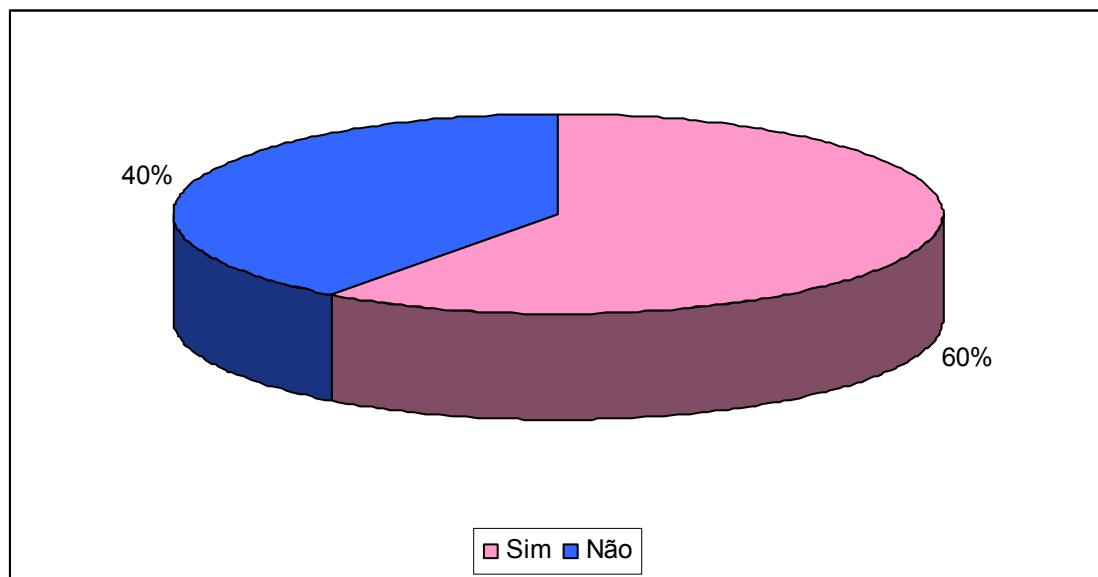
De acordo com o gráfico 21, 42% das entrevistadas não responderam esta questão, das que responderam, 37% dizem ser sua mãe, 9% dizem ser outros parentes (como tias, madrinhas, avós), 6% dizem ser apresentadoras de TV (como Adriana Gimenez, Fátima Bernardes), 3% dizem ser profissionais de serviços gerais e outras 3% dizem ser suas próprias professoras.

Segundo Souza (2009, p. 1):

Temos exemplos de sucesso profissional alcançados por mulheres, como a ministra da Casa Civil, Dilma Houssef, a ministra Nilcéia Freire. No mundo, Angela Merkel e Michelle Bachelet, são pioneiras em assumir o poder em seus países. Ellen Johnson Sirleaf foi eleita presidente da Libéria e também é a primeira a assumir o poder em um país do continente africano.

E, agora a mulher ministra da Casa Civil, também foi eleita, em Outubro de 2010, a primeira presidenta do Brasil.

Gráfico 22: Quanto à independência financeira das entrevistadas

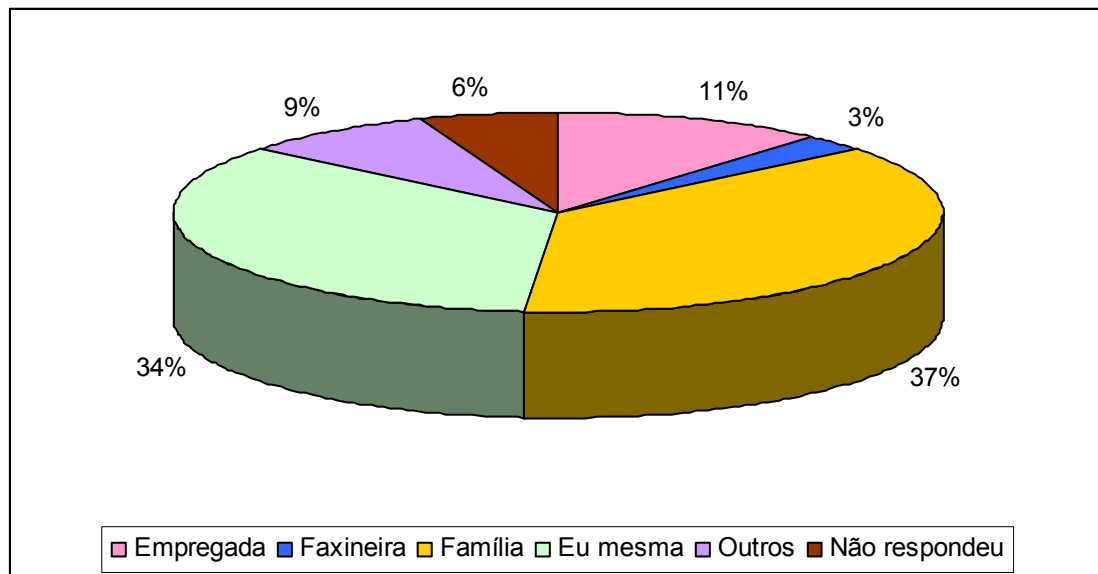


Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Em relação a esta questão, 60% das entrevistadas responderam que sim, que possuem independência financeira e 40% dizem que não.

Segundo Fischer (2002), o conceito de mulher trabalhadora naturalmente delicada e fraca dificilmente tem esclarecimento numa situação em que a força física já não representa necessidade imprescindível ou referência de valor. Essa lenda da delicadeza perde valor na sociedade quando a mulher alcança independência financeira, mesmo que ainda seja num plano insatisfatório e sem vantagem para a profissional por causa do salário baixo, de acordo com os valores sociais.

Gráfico 23: Quanto ao cuidado dos afazeres domésticos



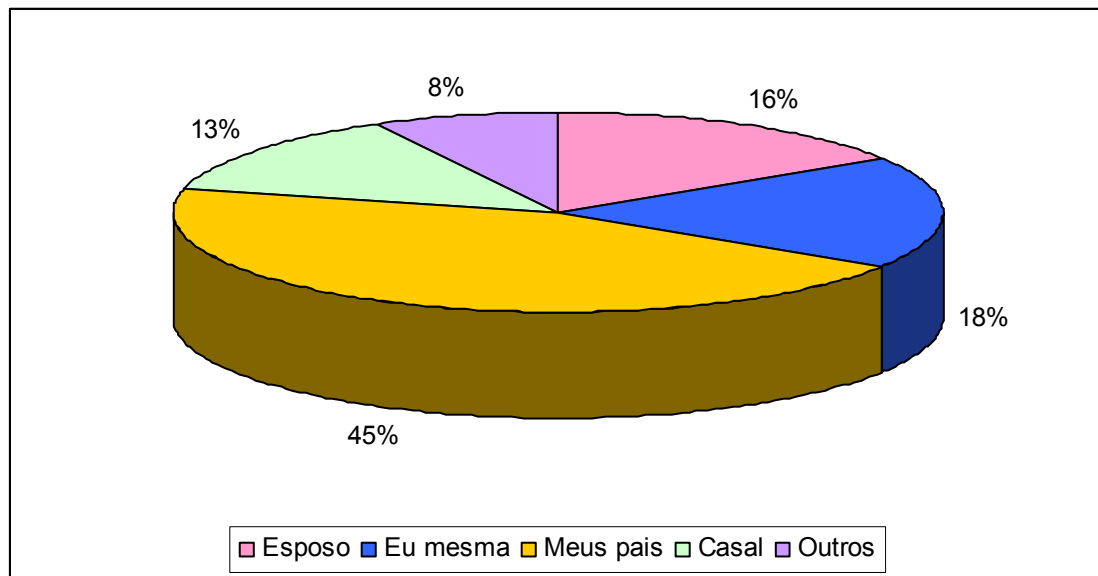
Fonte: Dados da pesquisa, 2010

O gráfico 23, aponta quem são as pessoas que cuidam dos afazeres domésticos das entrevistadas, sendo que 37% delas dizem que é a família, 34% dizem que são elas mesmas que cuidam desses afazeres, 11% dizem que é a empregada, 9% dizem que são outros e 6% não responderam essa questão.

Conforme os resultados da pesquisa, o trabalho da mulher destaca-se a dupla jornada, que resulta no acúmulo das responsabilidades incididas pelo trabalho com o compromisso de chegar a sua residência e “cuidar dos afazeres domésticos, como limpeza da casa, alimentação da família, atenção e cuidados com os filhos (acompanhamento dos estudos e das condições de saúde, entre tantos outros cuidados)” (SANTA CATARINA, 2008, p. 15).

A mulher trabalhadora nos dias atuais, não importando a classe social em que se encontra além de cuidar do trabalho fora, também se preocupa com o trabalho dentro de casa, algumas mulheres têm a ajuda de parentes ou de profissionais como empregadas domésticas ou faxineiras, é muito raro os maridos se envolverem nos afazeres domésticos, segundo pesquisas da DIEESE “90,0% das mulheres ocupadas realizavam tarefas referentes aos afazeres domésticos” (SANTA CATARINA, 2008, p. 15).

Gráfico 24: Quanto à responsabilidade pelo sustento da família



Fonte: Dados da pesquisa, 2010

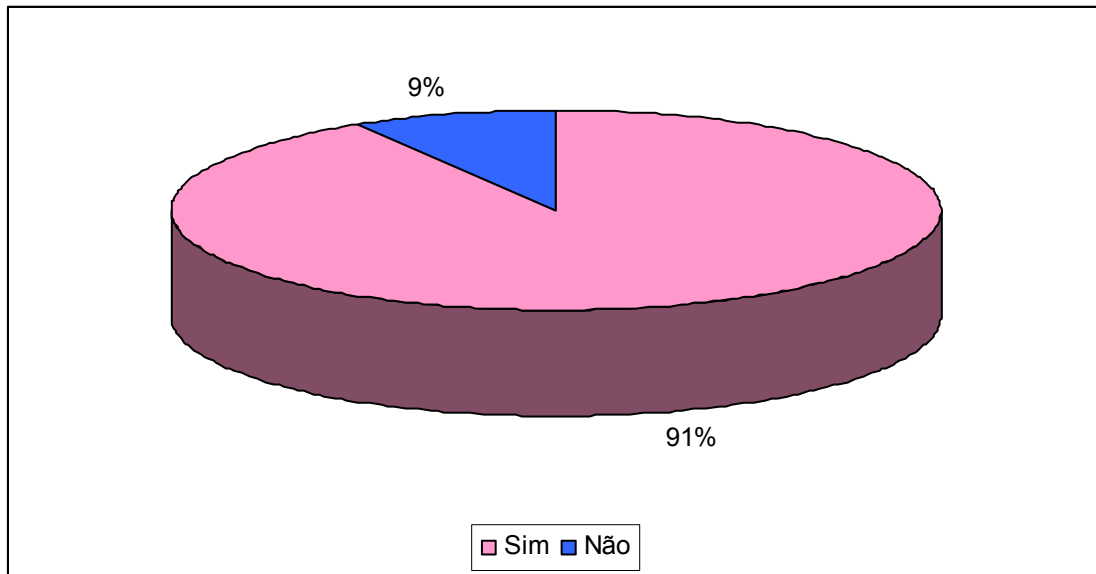
De acordo com o gráfico 24, 45% das entrevistadas dizem que quem é responsável pelo sustento da família é seus pais, 18% dizem ser elas mesmas, 16% dizem ser o esposo, 13% dizem ser os dois, ou seja, o casal e 8% dizem ser outros.

Segundo Carvalho (2009), devido o estado econômico brasileiro, tornou-se importante a participação da mulher no sustento da família e também para o benefício de seu próprio sustento. As mulheres trabalhadoras têm como objetivos serem independentes e terem sucesso profissional, serem reconhecidas no mercado de trabalho, não apenas como mulher, mãe e sim como profissionais.

Atualmente, os papéis onde o homem é que sustenta a casa e a mulher cuida dos afazeres domésticos e dos filhos, mudou, hoje é possível encontrar homens e mulheres exercendo os mesmos papéis, atribuir à mulher o papel de cuidar do lar e o homem de sustentar família já é um modelo considerado arcaico, ou seja, antigo e estereotipado (OSÓRIO, 2002).

O exercício de ser mulher, mãe, esposa e dona de casa, requer uma estrutura de personalidade e uma grande habilidade por parte dela, para contornar os múltiplos problemas e contratempos que encontra sua caminhada diária em busca de auto-realização dentro e fora de casa (POZZA, 1992).

Gráfico 25: Quanto a possibilidade da mulher conciliar o sucesso profissional com a possibilidade de ser mãe



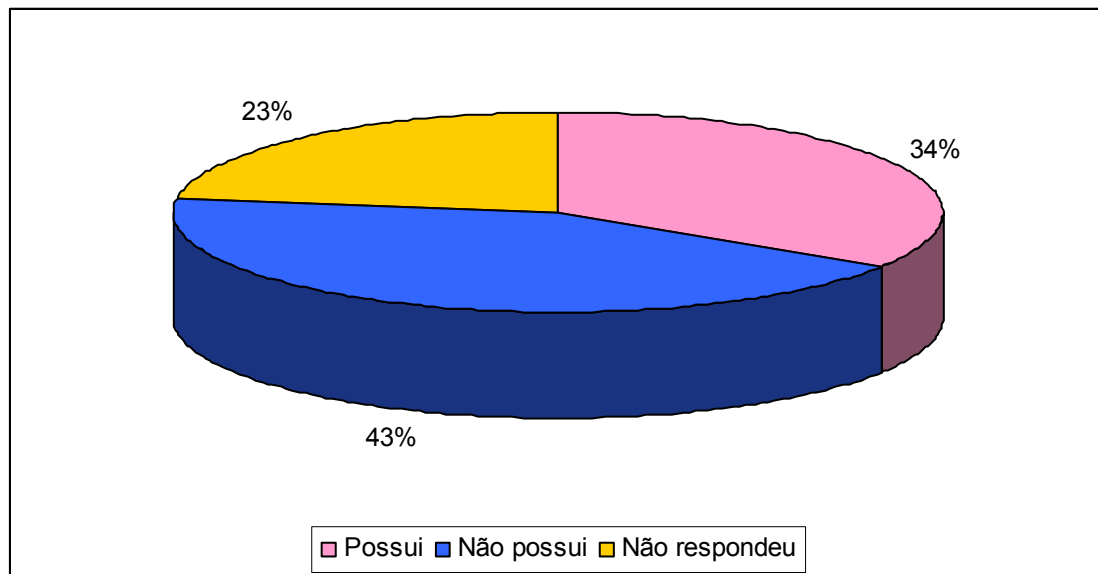
Fonte: Dados da pesquisa, 2010

De acordo com o gráfico 25, 91% das entrevistadas dizem que sim, que é possível conciliar sucesso profissional com filhos e apenas 9% dizem que não.

A maternidade é um evento importante na vida de toda mulher. É quando os diversos papéis por ela assumidos (Mãe, Mulher e Profissional) entram em conflito, ora prevalecendo um ou outro, obrigando-a a "conciliá-los". A partir daí, surgem os momentos difíceis, plenos de dúvidas, questionamentos e muitas solicitações. O Ser Mãe é um papel que pode superar os demais, enquanto o de Ser Mulher é continuamente testado. Este é um daqueles momentos cruciais, marcantes para as mulheres que têm filhos e, em especial, para as que exercem uma atividade profissional [...] Deste modo, permanecer no mercado de trabalho, conciliar a vida pública com a vida privada, atender às diversas solicitações dos "mundos" diferenciados torna-se um grande desafio para essas mulheres (SPINDOLA, 2000, p. 355 e 357).

Segundo Almeida (2007), acredita-se que o maior nível de problema deparado pelas mães trabalhadoras é a conciliação em cuidar dos filhos e o sucesso profissional, pois a maioria delas fazem um projeto individual, e para que este ocorra ela precisa de mais tempo fora do casa, implicando assim em menor participação na vida familiar. Mas, em certo tempo de sua vida profissional, está em seu projeto de vida o objetivo de trabalhar para o reconhecimento profissional e também para garantir as necessidades básica e estrutural de sua família e não apenas se preocupando com a satisfação pessoal.

Gráfico 26: Quanto os benefícios/política da empresa na qual a entrevistada trabalha traz para a profissional mãe



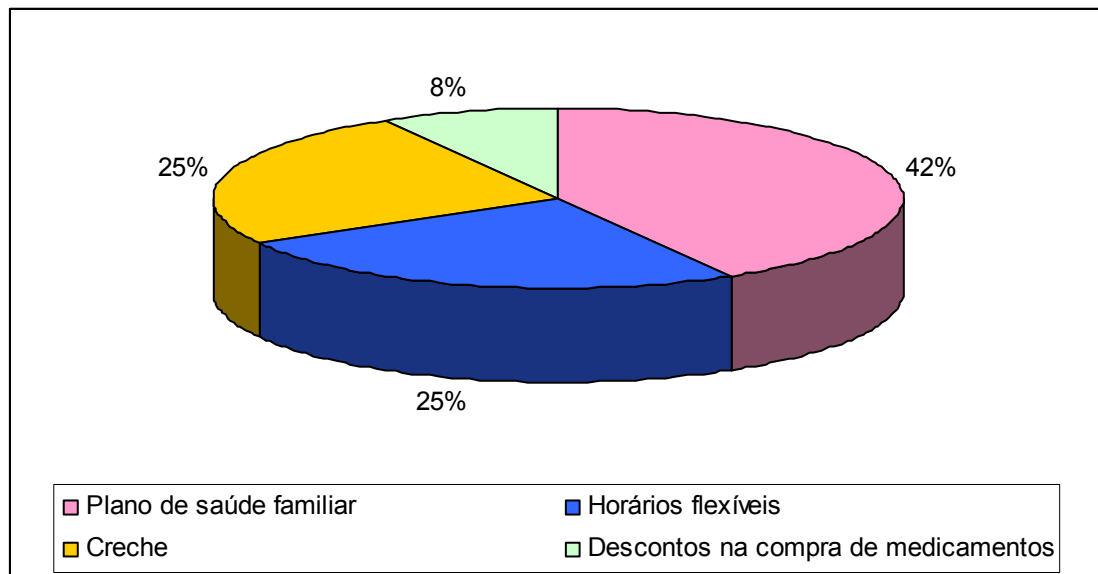
Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Em relação a esta questão, 43% das entrevistadas responderam que a empresa na qual trabalham não possuem benefícios para a profissional mãe, 34% dizem que possuem e 23% não responderam esta questão.

Atualmente, já é possível encontrar empresas que possuem benefícios para suas profissionais mães, Soller (2004, p. 1) diz que existem “empresas que oferecem benefícios como berçário, vale-creche, cheque-mãe e até lactário, para facilitar o dia-a-dia da mãe que trabalha fora”. Soller (2004, p. 1) ainda complementa dando exemplos de algumas empresas, como “a Natura, o Magazine Luiza e a Schering-Plough encontraram diferentes alternativas, moldadas às suas necessidades, para apoiar a funcionária que é mãe e, com raras exceções, podendo até estender o benefício ao pai, em casos especiais”.

Ainda segundo Soller (2004, p. 1), “o benefício entra em vigor assim que a funcionária volta da licença-maternidade e permanece até a criança completar dez anos”.

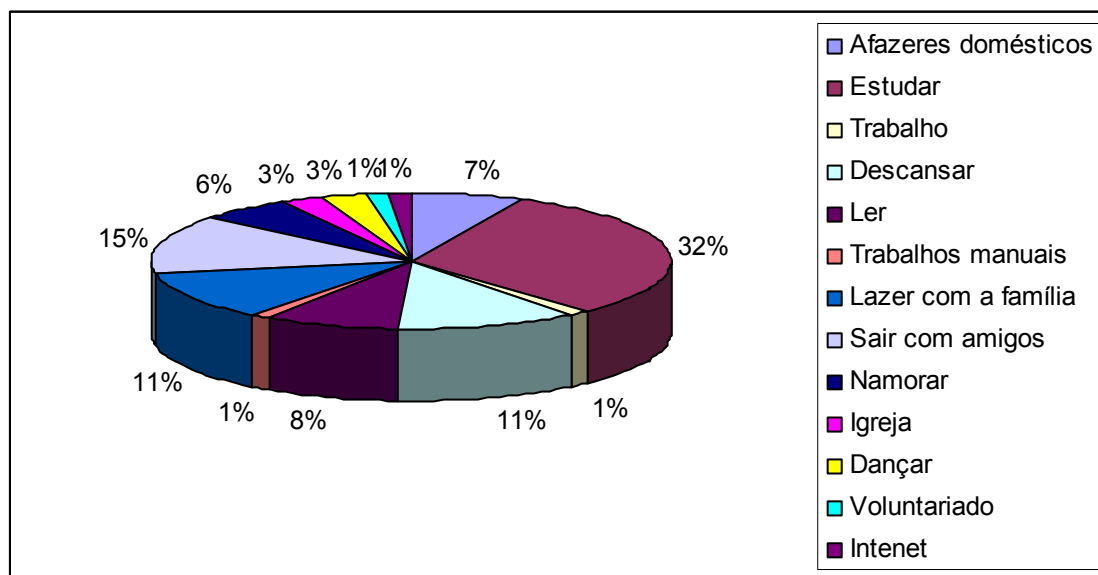
Gráfico 27: Quanto aos benefícios que a empresa possui para a profissional mãe



Fonte: Dados da pesquisa, 2010

De acordo com o gráfico 27, 42% das entrevistadas dizem que sua empresa tem plano de saúde familiar para a profissional mãe, 25% dizem que a empresa tem creche, outras 25% dizem que a empresa tem horários flexíveis e 8% dizem que sua empresa tem descontos na compra de medicamentos.

Gráfico 28: Quanto ao que faz quando não está trabalhando



Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Esta questão é de múltipla escolha, sendo que, foram muitas as atividades ditadas pelas entrevistadas, que são: 32% estudar, 15% sair com amigos, 11% lazer com a família, 11% descansar, 8% ler, 7% afazeres domésticos, 6% namorar, 3% igreja, 3% dançar, 1% trabalhos manuais, 1% voluntariado e outros 1%

Internet.

Segundo Macedo (2006), as mulheres trabalhadoras quando possuem tempo livre, estes são consumidos pelos afazeres domésticos, aos cuidados com os filhos e aos estudos, sobrando pouco tempo ao lazer de verdade. A trabalhadora acaba desempenhando vários papéis, sobrando pouco tempo para si mesma, retirando as possibilidades das mulheres trabalhadoras viverem sua vida em várias dimensões, sejam elas trabalho, capacitação, família e lazer.

A questão descritiva sobre o que significa ser mãe e trabalhar foi possível obter as seguintes respostas das entrevistadas:

Nos dias atuais, as mulheres exercem várias funções e um dia parece não ser satisfatório para que elas possam dar conta de seus afazeres e seus compromissos se amontoam nos lugares em que atuam, seja como esposa, mãe, filha, dona de casa e profissional. Elas precisam se multiplicar para atender o processo que muitas vezes exigem grandes responsabilidades (RAMOS, 2007).

A rotina de ser mãe e trabalhar fora, traz a fala da entrevistada E35, como *“Algo extremamente cansativo, mas gratificante”* e também a fala da entrevistada E8, quando diz que é *“Uma “multifuncional”, uma sobrecarga muito grande. Mas é bom.*

Para essas duas entrevistadas, dizem que ser mãe e trabalhar, apesar de cansativo é gratificante, para Sarti (1996), o trabalho feminino inscreve-se na coerência de comprometimento familiar e é, inclusive, determinado por elas, mesmo que a função seja pouco gratificante e cansativa. Então, neste sentido, o trabalho da mulher em primeiro lugar é de cuidar das obrigações familiares. O trabalho deve levar a mulher a bonificação, pois ela consegue conciliar o profissional com as tarefas familiares que são feitas com dignidade.

Já a entrevistada E7, diz que é *“a oportunidade de dar um futuro melhor à família”*.

Sarti (1996), diz que o trabalho feminino representa um auxílio financeiro à família e também pode proporcionar para que a mulher espaireça, retirando-a do confinamento doméstico, ou seja, de fazer somente os afazeres da casa (SARTI, 1996).

O trabalho para algumas entrevistadas traz: *“trabalho e realização”* (E9, E1, E16, E23). Ser mãe e trabalhadora pode também significar realização (SPINDOLA; SANTOS, 2004).

Para as entrevistadas E2, E22 e E25, ser mãe e trabalhadora é “*dupla jornada*”.

Carvalho (2005), refere-se a dupla jornada de trabalho aquela sobrecarga onde a mulher trabalhadora consegue lidar com duas esferas, o trabalho fora de casa e o trabalho dentro de casa. Conforme MÉSZÁROS (2002 apud CARVALHAL, 2005, p. 1), “[...] o poder de ser mãe e de gerenciar a casa, [...] potencialmente poderia ser reverberado em escalas mais amplas e em diversos âmbitos sociais, como o ambiente do trabalho [...]”.

Das entrevistadas que não são mães, não responderam esta questão, apenas colocaram que “não tem filhos”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a história da mulher levantada na pesquisa bibliográfica, é válido elencar que as mulheres de antigamente passaram durante anos sendo submissas, primeiramente ao pai, depois aos irmãos mais velhos e, finalmente ao esposo. Fundamentada em radicais valores sociais e culturais, a família preparava suas filhas para a obediência e subserviência.

Passaram-se os anos, enfim décadas, e a mulher buscou se atualizar, abrindo assim lugares para conquistar direitos, apontando aptidão de encarar os compromissos sociais e econômicos comprovando sua competência em relação ao homem e para si mesma.

Com o trabalho realizado por meio desta pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo foi possível verificar o progresso da mulher trabalhadora nas últimas décadas, ultrapassando os empecilhos e as limitações atribuídas pelo sexo masculino, retratando assim o novo perfil e enfatizando seu valor diante da sociedade. Desde então a mulher vem tomando o lugar tão cobiçado na história da humanidade, conquistando direitos, deveres e contestando pelos movimentos determinado ao fim do preconceito e da desigualdade.

Os objetivos deste trabalho foram alcançados com êxito, mostrando que os vários papéis, que a mulher trabalhadora exerce, fazem ela se tornar cada vez mais importante para a sociedade na qual está inserida.

Conforme mostrou o resultado da pesquisa às mulheres estão ocupando lugar de destaque e de igualdade diante dos homens em relação à representação da população economicamente ativa. Atualmente, ela não apenas é vista como uma mulher que cuida dos afazeres domésticos e/ou dos filhos e esposo, elas estão exercendo dupla e às vezes tripla jornada de trabalho.

As mulheres estão lutando para conquistar cada vez mais espaços, mesmo que, ao lado dos negócios, do trabalho, tenha que dar conta de outras responsabilidades como a família e filhos.

As transformações no universo da mulher colaboraram não só no mercado de trabalho, mas principalmente na essência da própria mulher, proporcionando autoconfiança, determinação, independência financeira e coragem para ostentar ousadias em seus planejamentos de vida, desenvolvendo com muita dedicação as funções, sendo um diferencial nas organizações em que trabalham.

Sua preocupação maior está atrelada à formação educacional, capacitacional, financeira e conhecimentos técnicos com anseios na disputa corporal e mental do espaço em que divide.

A limitação da presente pesquisa foi ter pouco tempo para a realização da pesquisa de dados, por se tratar de um assunto que está em alta no mercado de trabalho, seria viável que a pesquisadora não parasse apenas neste estudo, mas que desse continuidade na pesquisa com uma amostra maior de mulheres acadêmicas para poder ter resultados mais coesos. Foi um estudo bem interessante, mas que deve ser explorado mais por ser um assunto muito importante diante da sociedade que ainda está rotulada ao machismo, onde quem deve trabalhar e ser o chefe de família é o homem e a mulher deve ser aquela pra cuidar dos filhos, da casa e do esposo.

Ainda está difícil impor a liberdade das mulheres diante do mercado de trabalho e de suas possibilidades e qualidades no que se refere ao binômio trabalho fora de casa e trabalha dentro de casa.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Susana. **O que é trabalho**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- ALMEIDA, Elisabete Fernandes. **O que são e como tratar as doenças ocupacionais**. Disponível em: <<http://www.catho.com.br/jcs/inputer-view.phtml?id=5799>>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.
- ALMEIDA, Leila Sanches de. Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, v.19, n.2, p. 411-422, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.uff.br/ichf/publicacoes/revista-psi-artigos/v19n2_cap10_maecuidadora.pdf>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.
- AQUINO, Estela Maria L. de; MENEZES, Greice Maria de S.; MARINHO, Lilian Fatima B.. Mulher, saúde e trabalho no Brasil: desafios para um novo agir. **Cad. Saúde Pública** [online]. 1995, vol.11, n.2, pp. 281-290. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v11n2/v11n2a11.pdf>>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.
- ARAUJO, Angela Maria Carneiro; OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. Reestruturação produtiva e saúde no setor metalúrgico: a percepção das trabalhadoras. **Soc. estado**. [online]. 2006, vol.21, n.1, pp. 169-198. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v21n1/v21n1a09.pdf>>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.
- ARAUJO-TEIXEIRA, Z. **Las mujeres en el mercado de trabajo**. Disponível em: <http://www.universia.com.br/html/materia/materia_daba.html>. Acesso em: 01 de novembro de 2010.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado – o mito do amor materno**. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BALLONE, G. J. **Perguntas sobre... Depressão**. PsiqWeb – Psiquiatria Geral. Disponível em: <<http://gballone.sites.uol.com.br/voce/dep.html#1>>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.
- BAMPI, Maria Alice Moreira. **Educação da mulher: poder, opressão e dependência na construção da subjetividade feminina**. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/mulher01.htm>>. Acesso em: 20 de setembro de 2010.
- BIBLIOMED, Boa saúde. **Anemia**. Setembro, 2005. Disponível em: <<http://boasaude.uol.com.br/lib/ShowDoc.cfm?LibDocID=4697&ReturnCatID=667>>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.
- BOMSUCCESSO, Edina de Paula. **Trabalho e qualidade de vida**. Rio de Janeiro: Qualitymark / Dunya, 1997.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Declaração de Adelaide sobre cuidados primários**.

06/02/2002. Disponível em:
<http://www.saudeemmovimento.com.br/conteudos/conteudo-frame.asp?cod_noticia=200>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.

_____. Presidência da República. **Plano nacional de políticas para as mulheres**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2004.

_____. **Plano Nacional de Qualificação: PNQ, 2003-2007**. Brasília: MTE, SPPE, 2003.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Mulher e trabalho: engenheiras, enfermeiras e professoras. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.27, p.5-17, dez. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/477.pdf>>. Acesso em: 07 de setembro de 2010.

CARDOSO, Irene. Os tempos dramáticos da mulher brasileira. **História Popular**, n.2, São Paulo: Ed. Parma Ltda, 1981.

CARVALHAL, Terezinha Brumatti. **A precarização do trabalho feminino**. Ed. 3, 2005. Disponível em:
<http://www.unioeste.br/projetos/observatorio/texto_trabalho_feminino.asp>. Acesso em: 03 de novembro de 2010.

CARVALHO, Andréia. **Saiba os direitos da mulher no trabalho**. 16/04/2009. Disponível em: <<http://www.cidadeamfm.com.br/noticiaam.asp?id=529>>. Acesso em: 03 de novembro de 2010.

CAVALLET, Susan et al. **O significado do trabalho**. 16 nov. 2009. Grupo Papeando. Disponível em: <<http://grupopapeando.wordpress.com/2009/11/16/o-significado-do-trabalho/>>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.

CODO, Wanderley. **Sofrimento psíquico nas organizações: saúde mental e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1995.

COSTA, Marco Antônio F. da; COSTA, Maria de Fátima B. da. **Metodologia da pesquisa: conceitos e técnicas**. Rio de Janeiro: Interciência, 2001.

DUBNER, Déborah. **07 de abril – Dia mundial da saúde. Cuide-se!** 05 abr. 2010. Disponível em: <http://www.itu.com.br/conteudo/detalhe.asp?cod_conteudo=13171>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.

FISCHER, Izaura R. **A trabalhadora rural: assalariamento, reprodução biológica e conflitos de gênero na família**. Disponível em:
<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/gent2_2.pdf>. Acesso em: 01 de novembro de 2010.

FISCHER, Izaura Rufino. A participação da mulher no orçamento familiar. **Trabalhos para discussão**, n.133, abr., 2002. Disponível em:
<<http://www.fundaj.gov.br/tpd/133.html>>. Acesso em: 01 de novembro de 2010.

FLAUSINO, Beatriz. **Mulheres dão mais importância ao trabalho do que homens**. 16/11/2009. Disponível em: <<http://diariosaude.com.br/news.php?article=mulheres->

dao-mais-importancia-trabalho-homens&id=4714>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.

GARCIA, Letícia Cortellazzi. A educação feminina em Santa Catarina nas décadas de 1930 a 1940. **Revista História Catarina**, v.3, n.3, p.57-61, Lages-SC, jun. 2007.

GIFFIN, K. **Transição de gênero**: a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Conferência proferida na FIOCRUZ, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **O perfil da mulher jovem de 15 a 24 anos**: características diferenciais e desafios. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/comentario2.pdf>. Acesso em: 01 de novembro de 2010.

LACOMBE, Francisco; HEILBORN, Gilberto. **Administração**: princípios e tendências. São Paulo: Saraiva, 2003.

LEÃO, Marluce Auxiliadora Borges Glaus; GÍGLIO, Joel Salles. Psicodinâmica da mulher trabalhadora de meia idade em fase de pré-aposentadoria. **Psico-USF**, v.7, n.2, p. 185-194, Jul./Dez. 2002. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/psicousf/v7n2/v7n2a07.pdf>>. Acesso em: 31 de outubro de 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres nas salas de aula**. 2.ed. São Paulo: Contexto e UNESP, 1997.

_____. Magistério de 1º grau: um trabalho de mulher. **Educação e Realidade**, v.4, p. 31-39, Porto Alegre, jul/dez., 1987.

MACÊDO, Maria Lúcia Azevedo Ferreira de. **Trabalho noturno em saúde**: histórias de mulheres trabalhadoras de enfermagem. Monografia (Pós-graduação em Enfermagem). 140 fl. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, UFRN, 2006. Disponível em: <http://www.pgenf.ufrn.br/arquivos/teses/maria_lucia_a.pdf>. Acesso em: 01 de novembro de 2010.

MAROT, Rodrigo. **Anorexia**: transtornos relacionados por semelhança ou classificação. Disponível em: <<http://www.psicosite.com.br/tra/ali/anorexia.htm>>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.

MORAES, E. L. **Construindo identidades sociais**: relação gênero e raça na política pública de qualificação social e profissional. Coleção Qualificação social e profissional, v.1, Brasília: MTE, SPPE, DEQ, 2005.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização. **Revista Espaço Acadêmico**, n.44, jan., 2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/044/44cnogueira.htm>>.

Acesso em: 01 de novembro de 2010.

NONTEIRO, Ricardo. **A mulher moderna, sem filhos**. Disponível em: <<http://ricardomonteiro.org/?p=11>>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.

NUNES, Maria José Ronaldo. Freiras no Brasil. IN: PRIORE, Mary Del (Org.). **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997. p. 483-509.

OLIVEIRA, Lílian Sarat. Educação e religião das mulheres no Brasil do século XIX. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8, 2008, Florianópolis. **Educação e religião das mulheres no Brasil do século XIX: conformação e resistência**.

Disponível em:

<http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST27/Lilian_Sarat_de_Oliveira_27.pdf>.

Acesso em: 17 de setembro de 2010.

OSÓRIO, L. C. **Casais e famílias: uma visão contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PARRA FILHO, Domingos; Santos, João Almeida. **Metodologia científica**. São Paulo: Futura, 2000. 277p.

PELATIERI, Patrícia Toledo. **Horas extras e trabalho: a disputa entre a distribuição da riqueza**. I Intercâmbio Brasil-Canadá entre movimento feminista e sindical, 2005.

Disponível em:

<http://www.soscorpo.org.br/Adm/userfiles/boletim_Mulher_Trabalho_e_Direitos.pdf>

. Acesso em: 01 de novembro de 2010.

POZZA, M. C. **Conflitos da mulher na tentativa de conciliação da maternidade com o trabalho profissional**. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Psicologia). Porto Alegre: PUCRS, 1992.

RAMOS, Magdalena. É possível ser mãe e trabalhar ao mesmo tempo? **Revista PUCRS**, n.376, p.10 maio de 2007. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/mj/artigo-60.php>>. Acesso em: 03 de novembro de 2010.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Madalena Caramuru: a carta primeira (o) brasileira (o) alfabetizada (o) no Brasil (1561). In: Congresso Internacional Luso-Brasileiro de História da Educação: Cultura, Migrações e Cidadania. Porto Alegre, 2008.

Cadernos de Resumo. Disponível em:

<http://web.letras.up.pt/7clbheporto/trabalhos_finais/eixo4/D889.pdf>. Acesso em: 17 de setembro de 2010.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. **Mulheres educadas na colônia**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RISTOFF, Dilvo. A trajetória da mulher na educação brasileira. **INEP**, Brasília, 10 mar. 2006. Disponível em:

<http://www.inep.gov.br/imprensa/entrevistas/trajetoria_mulher.htm>. Acesso em: 17 de setembro de 2010.

RITZKAT, Marly Gonçalves Bicalho. **Preceptoras alemãs no Brasil**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. *et al.* (Org.). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Assistência Social, Trabalho e Habitação (SST). **A mulher trabalhadora na grande Florianópolis: mercado de trabalho e o desafio da qualificação profissional**. Abril, 2008. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/projetos/SST/mulherTrabalhadora.pdf>>. Acesso em: 01 de novembro de 2010.

SARTI, Cynthia. **A sedução da igualdade: trabalho, gênero e classe**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1997.

_____. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n.64, p.38-47, fev. 1988.

SCHINDLER, John A. **Guia da mulher para uma vida melhor**. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SILVA, Maria Beatriz Nizza. **A educação da mulher e da criança no Brasil Colônia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SOLLER, Angélica. **Quando a empresa é uma mãe**. 05 de jan. 2004. Disponível em: <http://www.canalrh.com.br/Mundos/beneficios_artigo.asp?o={6C62CA42-5E36-4070-8249-2B7B81D2D8DD}>>. Acesso em: 03 de novembro de 2010.

SOUZA, Adir de. **Elas no poder: histórias de mulheres de sucesso**. 09/03/2009. Disponível em: <<http://www.sintespar.com.br/mural/msg/232.php>>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.

SPINDOLA, Thelma. Mulher, mãe e... trabalhadora de enfermagem. **Rev. esc. enferm. USP** [online]. 2000, vol.34, n.4, pp. 354-361. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v34n4/v34n4a06.pdf>>. Acesso em: 03 de novembro de 2010.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalho versus vida em família: conflito e culpa no cotidiano das trabalhadoras de enfermagem. **Cienc. enferm.** [online]. 2004, vol.10, n.2, pp. 43-52. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532004000200006&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.

VARELLA, Drauzio. **Insônia**. Disponível em: <<http://www.drauziovarella.com.br/Sintomas/286/insonia>>. Acesso em: 2 de novembro de 2010.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da educação**. 1.ed. São Paulo: Ática, 2007.

VINHAL, Magna dos Rêis Ferreira. **Saúde do bancário**. 15/07/2008. Disponível em: <<http://www.cmqv.org/website/artigo.asp?cod=1461&idi=%201&id=9151>>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.

APÊNDICE - QUESTIONÁRIO

TEMA: Família e trabalho: uma percepção no espaço feminino

- 1) Que curso você faz: _____
- 2) Idade: _____
- 3) Estado civil:
- () Solteira () Casada
- () Separada () Viúva
- () União instável
- 4) Há quanto tempo trabalha?
- () Menos de um ano () De 1 a 3 anos
- () De 3 a 5 anos () De 5 a 7 anos
- () De 7 a 9 anos () Acima de 9 anos
- 5) Quantas horas por dia você trabalha?
- () 4 horas () 8 horas
- () 12 horas () Outro: _____
- 6) Trabalha nos finais de semana? () Sim () Não
- 7) Possui filhos: () Sim () Não
- 8) Se sim, quantos:
- () um () dois
- () três () mais de três
- 9) Se possui filhos menores de 10 anos, com quem ficam no período que está trabalhando?
- () Avós () Babás
- () Escola () Outros: Qual?
- 10) Você tem dado atenção aos seus filhos/o?
- () Sim () Não
- 11) Cuida da sua saúde?
- () Sim () Não
- 12) Se sim, o que faz para cuidar de sua saúde?
- _____
- _____
- 13) Se não, o que gostaria de fazer para cuidar de sua saúde?

14) Qual é a sua ocupação/trabalho atualmente?

15) Consegue cumprir todas as metas no trabalho?

() Sim () As vezes () Não

16) Tem investido na sua capacitação profissional?

() Sim () Não

17) Já pensou em parar de trabalhar? () Sim () Não

Por que? _____

18) Você já esteve doente por causa do seu trabalho? Que tipo de doença apresentou?

19) Trabalho pra você é?

() Necessidade () realização

() Outro: _____

20) Qual mulher é um exemplo de sucesso profissional para você?

21) Você tem independência financeira?

() Sim () Não

22) Quem cuida dos afazeres domésticos da sua casa?

() Empregada () Faxineira

() Família () Eu mesma

() Outros: Quem? _____

23) Quem é responsável pelo sustento de sua família?

() Esposo () Você

() Outros: Qual? _____

24) O que você faz quando não está trabalhando? O que você faz no seu período de folga?

25) O que significa pra você ser mãe e trabalhar?

26) Você acha possível uma mulher obter sucesso profissional tendo filhos?

Sim Não

27) Na empresa em que você trabalha, possui algum tipo de política voltada para a profissional mãe:

Possui Não possui

Plano de saúde familiar Creche

Horários flexíveis Descontos na compra de medicamentos

Outros: _____